

O HINO HOMÉRICO A APOLO



EDIÇÃO BILÍNGÜE

Luiz Alberto Machado Cabral

Material com direitos autorais

Copyright © 2004 Luiz Alberto Machado Cabral

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.02.98.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, das editoras.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cabral, Luiz Alberto Machado

O hino homérico a Apolo / introdução, tradução,
comentários e notas Luiz Alberto Machado Cabral;
[apresentação Antonio Medina Rodrigues]. – Cotia, SP:
Ateliê Editorial; Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

Edição bilíngüe: português/grego.

Bibliografia.

ISBN 85-7480-091-0 (Ateliê Editorial)

ISBN 85-268-0589-4 (Editora da UNICAMP)

1. Apolo (Divindade grega na literatura)
2. Homero. Ilíada – Crítica e interpretação
3. Literatura grega – História e crítica
- I. Rodrigues, Antonio Medina. II. Título.

04-0065

CDD-880.09

Índices para catálogo sistemático:

1. Hino a Apolo: Homero: Literatura grega
antiga: História e crítica 880.09
2. Homero: Hino a Apolo: Literatura grega
antiga: História e crítica 880.09

Direitos reservados à

ATELIE EDITORIAL

Rua Manoel Pereira Leite, 15
06709-280 – Cotia – SP – Brasil
Telefax: (11) 4612-9666
www.atelie.com.br
atelie_editorial@uol.com.br

EDITORA DA UNICAMP

Rua Caio Graco Prado, 50
Campus Unicamp – CP 6074
13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel.: (19) 3788-7787
www.editora.unicamp.br

Printed in Brazil 2004

Foi feito depósito legal

SUMÁRIO

<u>APRESENTAÇÃO – Antonio Medina Rodrigues</u>	<u>11</u>
<u>PREFÁCIO</u>	<u>19</u>
<u>PARTE I: INTRODUÇÃO</u>	<u>25</u>
1. Os Hinos Homéricos	27
2. Apolo	31
3. O Santuário de Delos	41
4. O Santuário de Delfos	59
5. O <i>Hino a Apolo</i>	77
6. <u>Estrutura do Hino</u>	<u>89</u>
7. <u>Análise Estilística</u>	<u>95</u>
8. <u>Aspectos Históricos e Sociais</u>	<u>99</u>
9. Conteúdo Mítico do Poema	105
10. <u>O Hino a Apolo na Literatura Posterior</u>	<u>107</u>
11. <u>A Imagem de Apolo através dos Elementos Literários do Hino</u>	<u>111</u>

<u>PARTE II: TRADUÇÃO</u>	<u>119</u>
<u>O <i>Hino a Apolo</i></u>	<u>123</u>
<u>PARTE III: COMENTÁRIOS E NOTAS</u>	<u>171</u>
<u>CATÁLOGO DAS FIGURAS</u>	<u>337</u>
<u>BIBLIOGRAFIA</u>	<u>355</u>

APRESENTAÇÃO

Antonio Medina Rodrigues

GRAECIA, MINIMA SIGNANTIA

O presente estudo e tradução do *Hino a Apolo* tem sua formosa história. Seu autor, Luiz Alberto Cabral, é desses que se atiram fundo ao que decidem estudar, porque esse estudo é sua existência. E assim, quando a existência falha, e não se possa ler, pode-se mui bem pensar, e quando faltam ambos, resta o estilo de viver, que também é uma ciência. E se a Grécia antiga e seus dilemas muito exigem, não deixam de abrir, por isso, veredas múltiplas e insuspeitáveis.

Lembro de Luiz quando traduzimos em sala o Livro I da *República* de Platão, linha por linha, à exceção das duas páginas finais, se é que a lembrança não me escapa. Faziam-se perguntas, comentários, divergências. Éramos uns quinze, nada mau para uma classe de grego. Saía-se bem, e trabalhava duro. Sabia fazer perguntas, não raro finas, porém evitava o fazê-las, porque queria aprender, mais do que impressionar. Quando argumentava, era sem dogma, sem *a priori*. Gostava das versões do maranhense Odorico, de Carlos Alberto Nunes, de Haroldo de Campos, de Péricles Eugênio e outros. Interessava-se pelas traduções



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

A era mítica, com seu sentido ensimesmado (*Selbstverständlichkeit*) e sua paz, estava no final. Os pensadores gregos, chineses, indianos, tanto quanto Buda, eram, por sua decidida visão antimíticos, como os profetas, que também o foram, porém por seu pensar só concentrado em Deus. Começava o combate contra o mito, do lado da racionalidade e da experiência racional iluminada (*logos* contra *mythos*), e mais a luta pela transcendência de uma divindade apenas, contra os demônios – que não havia – e a luta contra as formas figuradas dos divinos: inspirava-se esta última numa rebelião moral. Passa então a divindade a se elevar, sob o condão da eticidade religiosa. O mito, contudo, converteu-se em material de uma linguagem que o transmitiu diversamente do que outrora por si mesmo transmitia, e assim fez dele só metáfora. Também foram reelaborados todos esses mitos, e nessa promoção, muniram-se de nova profundezas, que veio a ser a inédita matriz dos mitos instantâneos (*der auf neue Weise mythenschöpferisch war im Augenblick*), em virtude de já estarem destruído todos mitos¹.

Os estudos de cultura grega desde sempre manifestaram vocação para o horizonte, para a inovação prismática. Tal vocação vinha do próprio objeto, da cultura grega mesma: objeto e sujeito eram da mesma raiz. O berço dessa polaridade era o *logos*, a linguagem comum. Os diálogos socráticos e a própria poesia eram diretos, intersubjetivos. Não houve o jargão especialista entre os gregos: o que havia era o *logos*, suas faixas e degraus.

Tal simplicidade assegurou a nós a pervivência do ideal dos gregos, por meio dos textos que deixaram. Voltamo-nos a eles, para os interrogarmos, e nos incluirmos no que lhes interrogamos. O que eles nos respondem, ao fim e ao cabo, é que temos de mudar a nossa vida. Fora disto, que é penoso demais, já assimilamos muitas coisas. Hoje, mercê da arqueologia, mais sabemos que Platão ou que Aristóteles sobre a Grécia e seu passado. É verdade que os problemas aumentaram: no Peloponeso, na Ásia Menor ou em Creta, a terra deu por revelar as “outras” Grécias, pré-helênicas, e cujo perfil não confere sempre os textos conservados, defendidos pela filologia, desde o Renascimento apagada a uma Grécia única e exclusiva, começada nas primeiras Olimpíadas.

1. Karl Jaspers, *Vom Ursprung und Ziel der Geschichte*, München, 1949, R. Piper & Co. Verlag, 21.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

trabalho, portanto, não é só o resultado de um intenso esforço intelectual, mas também fruto daquilo que se tornou mais sagrado para o meu coração: a Grécia como a minha verdadeira pátria espiritual.

Posto isso, como se trata de uma edição comentada do grego antigo, e tais obras constituem entre nós raríssimas exceções, esperamos que ela também possa contribuir para dissipar a impressão de que o tradutor do grego possui um domínio da língua a ponto de verter o texto antigo com indiscutível suficiência. Como se depreenderá da leitura dos *Comentários e Notas à Tradução*, não somente centenas de estudiosos estão incessantemente lutando para descobrir o significado de inúmeras palavras do texto do *Hino*, como muitos deles acreditam que o sentido de algumas delas está irremediavelmente perdido para nós. Ainda assim, tal como eles, também tivemos de fazer nossas escolhas e tomar partido em várias questões, muitas das quais são, até hoje, objeto de acalorado debate filológico.

O problema da tradução torna-se ainda mais árduo quando se trata de verter para o português os epítetos rituais: estes eram adjetivos que qualificavam o âmbito específico da atuação do deus, isto é, que revelavam as suas atribuições essenciais. Há vários deles no texto do *Hino* e o leitor irá constatar que os estudiosos não estão absolutamente de acordo com os seus significados. E não se trata apenas de meras divergências entre estudiosos contemporâneos, mas de testemunhos e comentários ao texto que vêm se acumulando desde a Antigüidade. E se isso ocorre apenas com relação aos epítetos, o que dizer dos inúmeros pormenores obscuros do *Hino*, do qual a data e o objetivo da composição ainda são motivos de controvérsia, para não mencionar a questão da sua “unidade”, que tanta polêmica tem gerado?

Sob essa perspectiva, se quase tudo no *Hino Homérico a Apolo* é enigmático (o que é, aliás, muito a propósito com referência a esse deus), e poucos são os dados que podem ser considerados definitivamente estabelecidos, para o pesquisador e tradutor são justamente essas características que o tornam fascinante: do mesmo modo que a *Questão Homérica* vem intrigando tantos estudiosos, na tentativa de desvendar o mistério da criação das epopéias homéricas, o *Hino a Apolo* também



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Parte I

INTRODUÇÃO



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

A coletânea dos *Hinos Homéricos* que chegou até nós é uma coleção diversificada na qual encontram-se fórmulas que derivam umas das outras. Ao que tudo indica, esses proêmios foram utilizados com uma dupla finalidade: a original, de preceder à dança e ao canto de um coro; e a inovadora, de preceder ao recital épico. A primeira função evidencia-se nos hinos mais antigos, como no *Hino a Apolo Délio* que logo foi unido a uma *Seqüência Pítica*; a segunda, nos hinos mais recentes.

Esquematicamente, poderíamos assim definir a estrutura dos *Hinos Homéricos*³:

- A. No primeiro verso encontramos o nome do deus, um atributo e um verbo de invocação.
- B. O nome do deus vem, normalmente, no acusativo e aparece no primeiro verso sempre que possível; caso contrário, alguns ajustes são feitos para que ele apareça o mais perto possível do começo (como, por exemplo, pelo acréscimo de ἀμφί).
- C. A parte central (mítica) é geralmente introduzida pelo pronome relativo ὁ, que na maioria das vezes aparece no começo do hino.
- D. Ao contrário dos hinos de maior extensão, os hinos menores são, em regra, desprovidos da “incumbência do poeta” (isto é, da promessa de cantar o deus em uma outra oportunidade).
- E. As partes anterior e posterior ao “mito” permanecem relativamente constantes, independentemente da extensão do hino. A primeira parte do hino é a mais rígida e permanece no âmbito do primeiro verso.

3. Segundo T. Weischadle, cit. por R. Janko, “The Structure of the Homeric Hymns: A Study in Genre”, *Hermes* 109: 9-24, 1981.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

mis e de Leto, ele leva Enéias, ferido em combate, direto para o seu templo (*Il.* V, 445). Sua mãe⁷ era cultuada na Lídia e em Creta e sua irmã Ártemis, cujo santuário mais ilustre situava-se em Éfeso, corresponde a *Artimus Ibsimisis* das inscrições lídias. Sob esse ponto de vista, nosso *Hino* é bem sugestivo: a palmeira que Leto enlaçou com seus braços (verso 117) é uma árvore fenícia (φοῖνιξ) que suscitava a admiração de um homem do ocidente como Odisseu (*Od.* VI, 163); as “moças de Delos” guardavam em seu ritual as palavras “bárbaras”, que podiam dar a impressão de que elas falavam todas as línguas (verso 162). O próprio Apolo parece um intruso no Olimpo; no princípio do *Hino* (versos 1-13), todos os deuses saltam de seus assentos quando ele irrompe no palácio de Zeus. Trata-se de uma cena isolada em toda a tradição: a idéia de que os imortais possam despertar temor uns nos outros é algo completamente estranho à mentalidade grega e está mais próxima do caráter de uma divindade babilônica como Marduk. Nenhuma das ilhas do Egeu quer receber um deus “ensoberbado” (ἀθάσταλος, verso 67): se Delos aceita-o é porque ela tem consciência de sua insignificância e de sua esterilidade verdadeiramente desencorajantes; mesmo assim, ela se cerca de fortes garantias (verso 79). Hera, com ciúmes de sua rival, impede Iilitia, uma deusa pré-helênica, de socorrer Leto (verso 100); as deusas “mais distintas” (ἄρισται, verso 93), que auxiliam no nascimento do deus, pertencem à geração divina anterior aos olímpios (versos 92 ss.). Os marinheiros da “minóica Cnossos” (verso 393), que Apolo escolhe como seus sacerdotes, cantam os peãs em que os cretenses passavam por ser seus melhores intérpretes (verso 518). Todos esses traços mostram Apolo como um deus inteiramente estranho ao Olimpo feudal dos aqueus.

Mas o argumento mais persuasivo, a favor de uma origem oriental, consiste no fato de Apolo distinguir-se de todos os outros deuses gregos pela importância que representa o número sete em seu calendário sagrado; pois afirmava-se que o deus havia nascido no sétimo dia do mês *Býsios*, ou *Anthesterión* (que corresponde a fevereiro-março)⁸. Todas

7. O nome Leto é comparado ao lício “lada” (mulher). Wilamowitz, *Gl. Hell.*, I, p. 324.

8. Plutarco, *Quaestiones Graecae*, 292 ef; cf. Hesíodo, *Trab.*, 770-771. Cit. por Càssola, *Inni Omerici*, Milão, 1994, p. 84.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



Figura 4. Apolo (ao centro) ladeado por Leto e Ártemis. Estatuetas (técnica do Sphyrélaton) provenientes de Dreros, século VII (cerca de 640 a.C.).



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

encontrados restos de várias construções sagradas desse período: do Artemísion Ac, do edifício G, do Mégaron H e de mais duas tumbas coletivas, o Sêma e a Théke. Parece, portanto, que já no período micênico Delos devia sua prosperidade ao renome de seus santuários. Uma divindade feminina, talvez a futura Ártemis, detinha então a preponderância cultural.

Delos Protogeométrica e Geométrica

Os vestígios protogeométricos em Delos são raros e sobretudo tardios. Todavia, foram encontrados alguns do período submicênico e parece não ter havido uma interrupção no habitat. Alguns traços do culto délio no período clássico são interpretados como sobrevivências cretomicênicas (cf. Sobrevivências Cultuais, p. 50), o que implica uma continuidade de povoamento.

A *Odisseia* menciona Delos (VI, 162-165): Odisseu compara a esbelteza de Nausícaa à palmeira que ele havia visto. O nosso *Hino* (isto é, a primeira parte consagrada a *Apolo Délio*), que data aproximadamente de 700 a.C., apresenta-nos um quadro de Delos no final do período geométrico: “Mas tu, Febo, é em Delos mesmo que no imo rejubilas / quando por ti se ajuntam os jônios de longas túnicas / com seus filhos e as esposas virtuosas;” (versos 146-148; para continuação do texto, v. Festas, p. 48). A divindade principal agora é masculina: Apolo. O termo “jônios” é muito preciso. Nessa época, Delos é o local de culto comum a todos os jônios², reunidos em uma federação (o Paniônion), cujo outro santuário federal é o do promontório de Micale. Alguns indícios permitem-nos suspeitar da existência de uma verdadeira Anfictiônia, mas não se pode prová-la de fato, uma vez que o termo não aparece no *Hino a Apolo*³. Em todo caso, do ponto de vista da arqueologia, o período geométrico recente corresponde a um considerável desenvolvimento da ilha e de seu habitat, particularmente na região sul do santuário de Apolo. A cerâmica dessa época é abundante.

2. Assim também o entendeu Tucídides (III, 104).

3. Para essa suposição, v. nota ao verso 274 na Parte III – Comentários e Notas.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Figura 6. Leto dá à luz a Apolo (?) – Ânfora em alto relevo de Tebas, posterior a 700 a.C. (século VIII). Para comentário, ver Apêndice 1 – Catálogo das figuras.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

O SANTUÁRIO DE APOLO

A topografia do santuário de Apolo parece muito confusa para quem visita Delos pela primeira vez. Quando se está nos propileus tem-se adiante a Via Sacra; à direita (leste) encontra-se o Hierôn de Apolo e à esquerda (oeste) situam-se várias construções, cuja principal é o Artemísion. Imediatamente à direita dos propileus, ao entrar no santuário, encontra-se um monumento muito mais antigo: o Oíkos dos Naxianos (A)⁵.

Ao sair do Oíkos dos naxianos pela porta do muro norte, vê-se logo à direita a base do Colosso de Naxos e, adiante, um caminho coberto com lajes de gneis que constitui a antiga Via Sacra. O Colosso de Naxos (C) era a estátua de um *kouros*, cerca de quatro vezes o tamanho natural de um homem, muito afamada na antigüidade e da qual restaram apenas quatro fragmentos: o torso e a pelvis, que estão no Artemísion; a base, atualmente colocada junto ao muro norte do Oíkos dos naxianos; um fragmento (provável) da mão esquerda, exposto no Museu de Delos (A 4094), e os dedos do pé esquerdo, que constituem um bloco com o plinto e se encontra no Museu Britânico (B 322). Tratava-se de uma estátua de um *kouros*, de pé, com os braços bem destacados do corpo. O modelo era rígido, com ilhargas retas, ombros largos e cintura estreita. Os detalhes musculares do dorso foram obtidos por meio de sulcos. A presença de cravos comprova que alguns ornamentos metálicos estavam adaptados ao mármore, como cachos de cabelo e cinto. A estátua pode ser datada do final do século VII a.C. Uma das inscrições da base (face oeste) diz, em letras clássicas, (século IV a.C.) Νάξιοι Ἀπόλλωνι, “oferta dos naxianos a Apolo”. Ela data provavelmente da época em que o Colosso foi reerguido (após a sua queda), provocada pela queda da Palmeira de Nícias, ao lado da qual ele estava originalmente colocado.

5. Em Delos, os *Oikoi* são os edifícios sagrados pertencentes aos santuários, mas que não eram utilizados como locais de culto. Ali armazenavam-se as oferendas e diversos materiais. Alguns deles podiam servir como locais de reuniões e de banquetes rituais.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

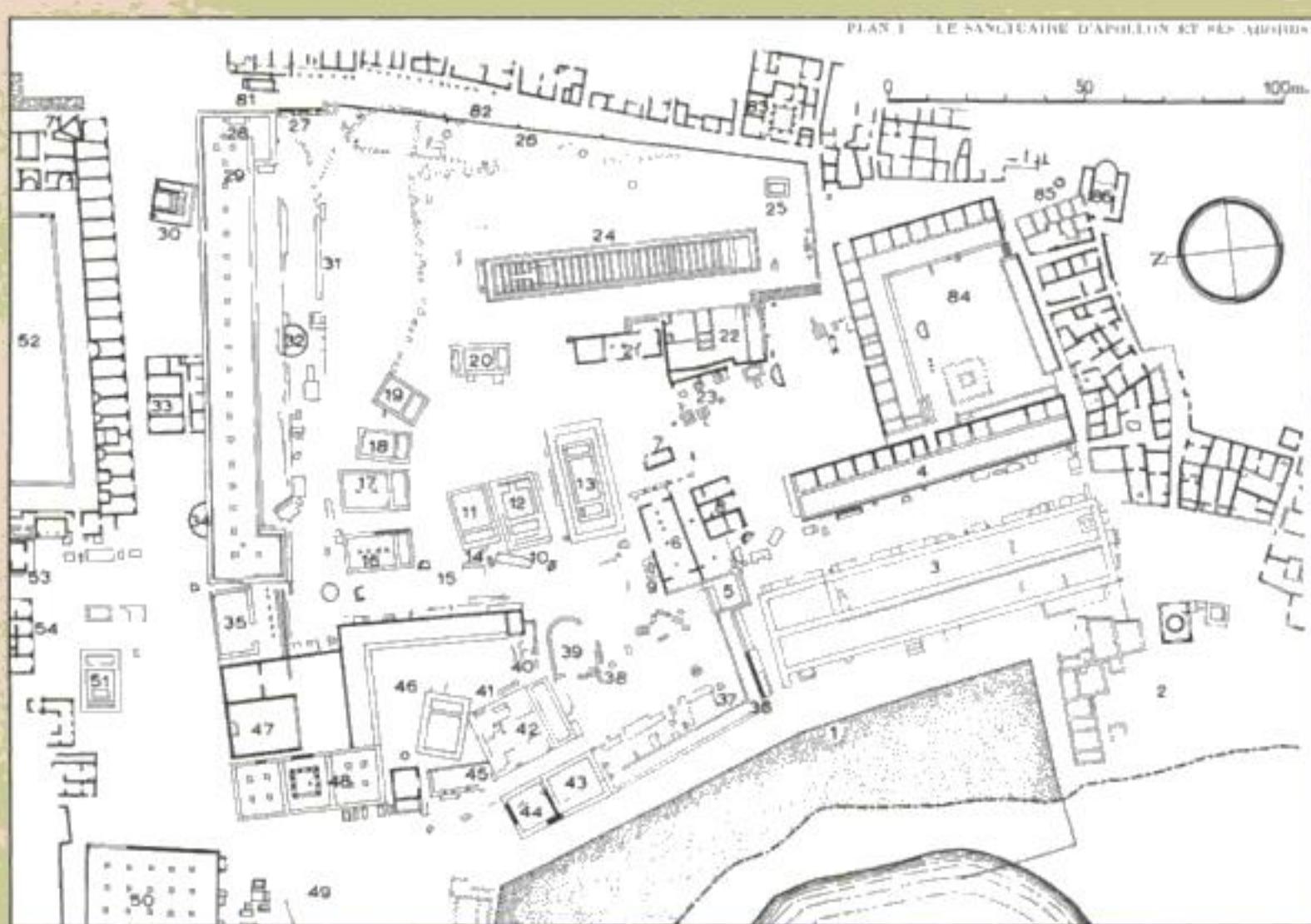


Figura 10. Planta de localização dos monumentos de Delos (os templos 11, 12 e 13 são consagrados a Apolo). O edifício 6 é o Oikos dos Naxianos.

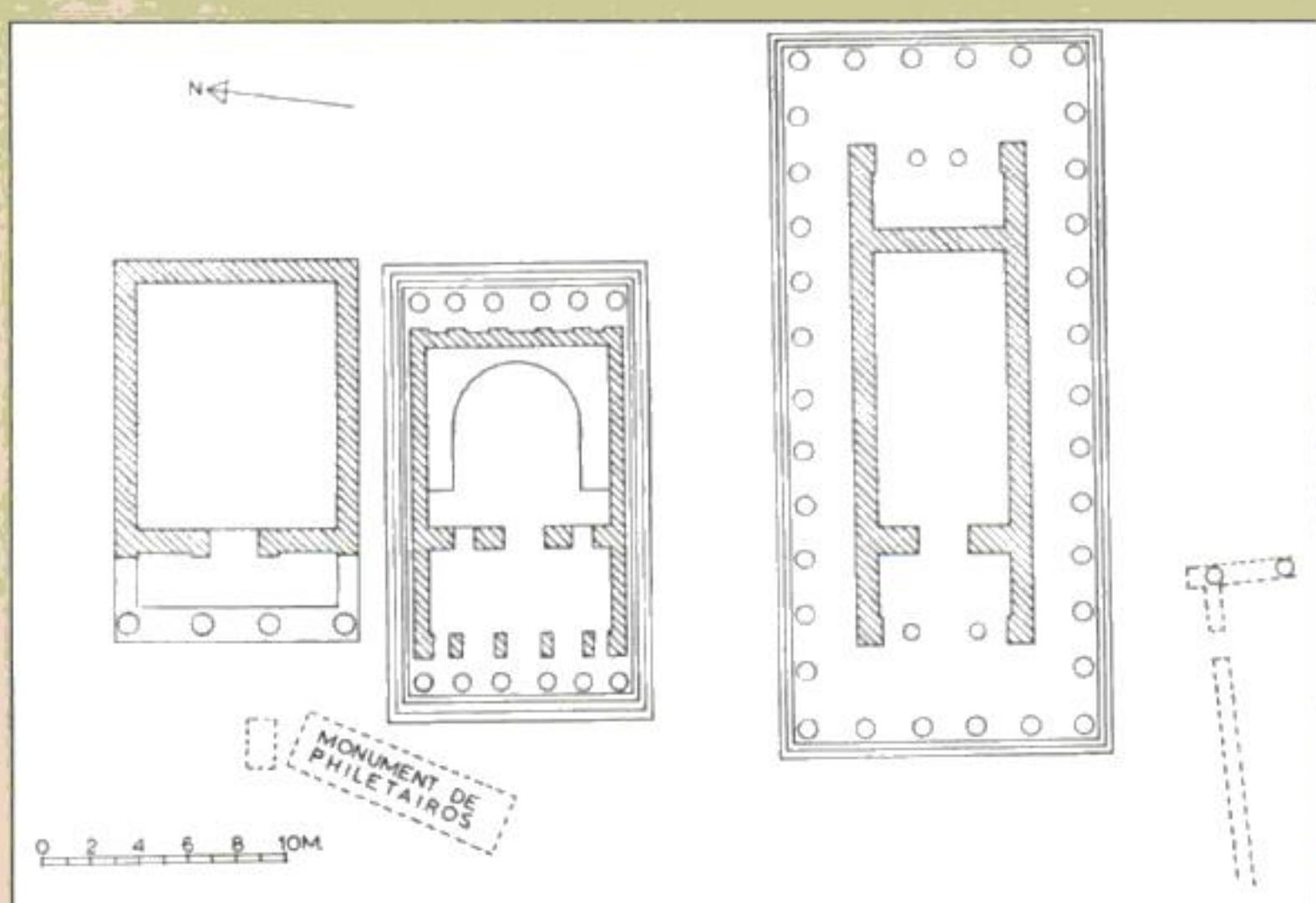


Figura 11. Os três templos de Apolo em Delos.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

depois de um grande desvio. Com efeito, se por um lado o Golfo está próximo (o porto de Cirra não dista mais do que 8 km em linha reta), por outro, para atingi-lo é necessário contornar o monte Tírfis, que impede que ele seja visto. Do mesmo modo que a altitude (cerca de 500 m), essa conformação do terreno afasta uma parte da influência marítima, dando ao lugar um aspecto montanhoso. Além disso, o calcário impuro e o conglomerado de falésias racham-se facilmente, propiciando constantes avalanches.

A planície costeira, um dos únicos lugares muito férteis da região, fazia parte tanto da Fócida (como Delfos) quanto da Lócrida (como Anfisa), o que fez gerar vários atritos entre ambas. Ali se cruzam dois grandes itinerários. Um, terrestre, permitia ir da Ática ou da Beócia até a Grécia ocidental: assim como a rota atual, ele também passava pelo desfiladeiro de Arácova e por Delfos. O outro vinha da Tessália, transpunha o desfiladeiro do Parnaso perto de Anfisa e atingia o porto de Cirra, que possibilitava o embarque tanto em direção ao Istmo de Corinto quanto para o Peloponeso ou o oeste. Como se vê, Delfos possuía mais de uma via de acesso, mas sempre às expensas de um esforço: sua posição era retirada, conforme os dizeres de Telfusa (*Hino*, versos 269 e ss.).

Pode-se distinguir o santuário de Apolo; acima dele, a fonte Cerna e o Estádio; mais a leste, a fonte Castália e o Ginásio; mais além, o santuário de Atena Pronaia (Marmaria); e, de uma parte a outra, as necrópoles. Quanto à cidade antiga, sua conformação permanece desconhecida. O plano da obra segue o de uma visita que começaria a partir do leste.

HISTÓRIA

Da Origem à “Renascença” Do I Milênio a.C.²

Até o Final do Período Micênico

Desde o Neolítico já havia uma ocupação do Antro Corício, no Parnaso. Do Heládico antigo, conhece-se os locais situados no fundo do

2. Segundo L. Lerat.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

dependentes. Esses objetos jamais foram encontrados associados às construções, nem, ao menos, reunidos em algum local, mas sim esparramados lá onde, quebrados e fora de uso, haviam sido lançados ou enterrados.

As estatuetas de guerreiros não podem ser consideradas como representações de Apolo³. As trípodes, ainda que sejam do tipo que a iconografia clássica associará ao deus como o próprio símbolo do oráculo, não são, de modo algum, significativas: na mesma época elas são também encontradas em Olímpia e nos santuários menores, como a gruta de Polis em Ítaca.

Entre os problemas mais debatidos, eis aqui dois que estão estreitamente ligados: quando o culto a Apolo surgiu em Delfos? Houve ruptura ou continuidade na ocupação do local entre o período micênico e a “renascença” do final do século IX? A esse respeito, quatro aspectos devem ser ressaltados:

- A. *Utilização do sítio.* Para evitar a recorrência às teorias incertas sobre o povoamento e sua origem, examinemos primeiramente as descobertas arqueológicas. Por si só, estas não nos permitem postular uma continuidade sem falha. Nas necrópoles e na Mar-maria, há uma ruptura de vários séculos entre as séries de objetos encontrados. Mas o sítio da cidade micênica foi, ao menos, freqüentado de maneira episódica durante os “tempos obscuros” que precederam o habitat “geométrico”. É normal que a existência de cultos seja atestada nas duas extremidades da cadeia; mas as oferendas “geométricas” são de um luxo sem precedentes em comparação com a insignificância da aldeia; portanto, ainda que não existam vestígios de um edifício contemporâneo, esse local afastado atraía os peregrinos. Depois de quando? A favor de uma data recuada, pode-se observar que o local ocupado pelos micênicos não é do tipo que eles utilizavam correntemente para o habitat, e que um lugar é consagrado mais pela tradição que por decreto.
3. Todavia, a arqueologia atesta que no famoso santuário de Apolo em Amíclias venerava-se um antiquíssimo *xóanon* do deus, rudimentar como uma coluna, mas armado de lança e com o elmo sobre a cabeça. Como é habitual para todos os deuses do período geométrico, Apolo também tinha o aspecto de um guerreiro.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



Figura 13. Vista do Templo de Apolo (a partir do sudeste). As colunas remanescentes datam do século IV a.C.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



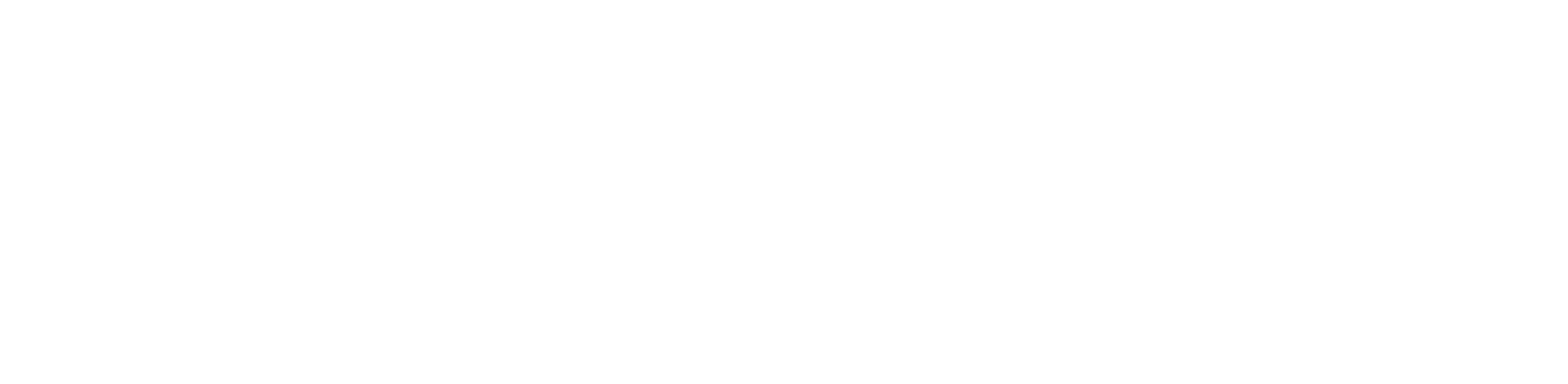
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



Figura 15. O templo de Apolo em Delfos. A foto mostra as fundações do templo e as colunas remanescentes do século IV a.C. Abaixo, em direção ao sudeste, está o terraço do santuário de Atena Pronaia (Marmaria). Ao fundo, está o caminho que conduz até a Beócia.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

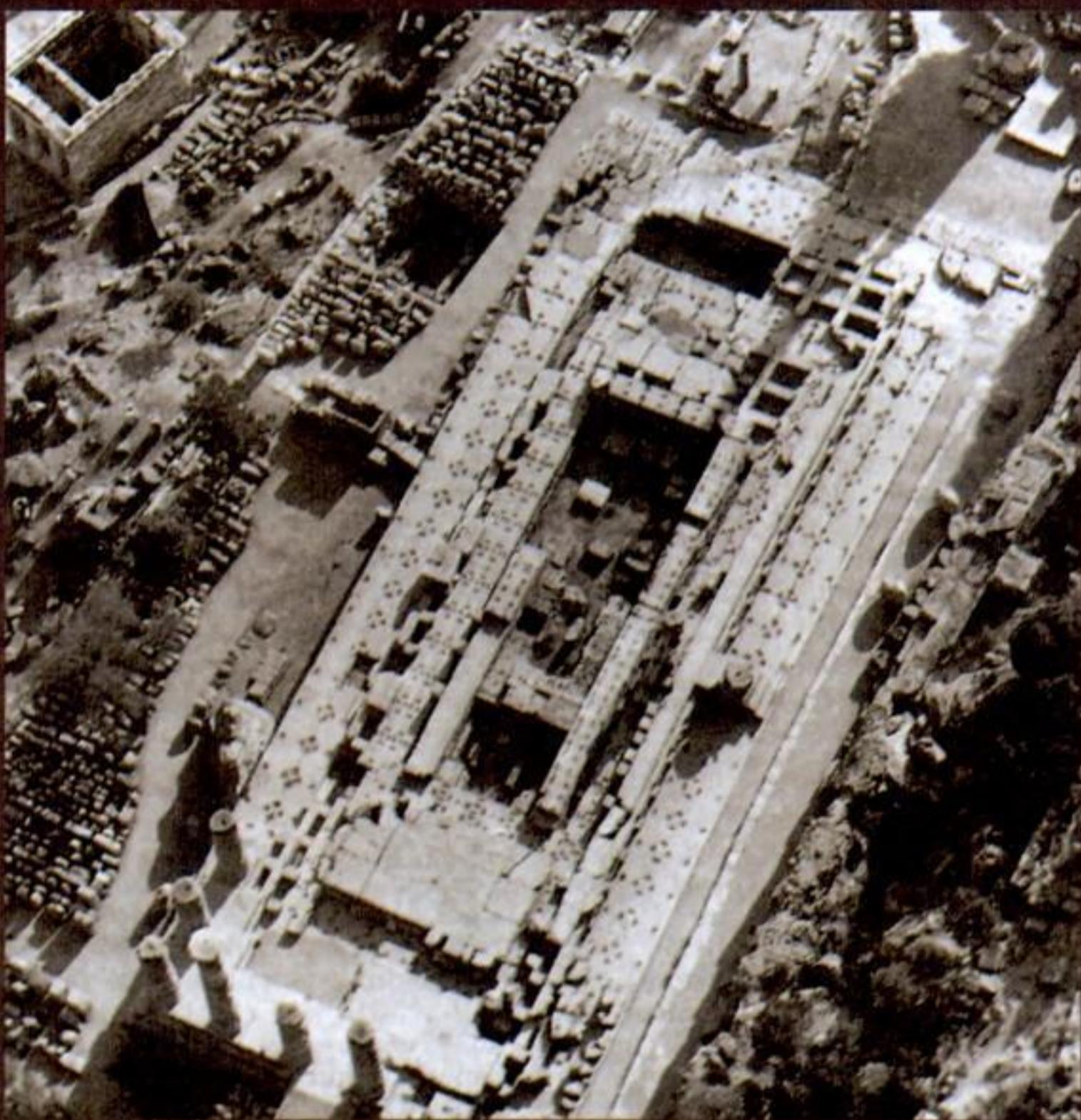


Figura 17. O Terraço do Templo de Apolo em Delfos.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

O terceiro argumento concerne à interpretação dos versos 177-178: “E eu não cessarei de hinear Apolo arco de prata, / que Leto de lindas melenas à luz o enviou”. Para os analistas, trata-se, evidentemente, de uma “fórmula de despedida”; para os unitaristas, de uma simples “fórmula de transição”.

O quarto argumento está centrado na discussão das diferenças estilísticas entre ambas as partes do *Hino*. A maioria dos comentadores consideram o poeta do *Hino Délio* um grande mestre e vêm no rapsodo da *Seqüência Pítica* um poeta “desprovido de talento”⁶. Mas, como observa Càssola⁷, argumentos desse tipo já não convencem ninguém. São também estudadas as divergências no campo lingüístico: essas são perceptíveis, mas muito superficiais, porque ambos os poetas movimentam-se no campo da mesma tradição formular (v. 7. Análise Estilística, p. 95).

O PROBLEMA CRONOLÓGICO E A AUTORIA DO *HINO A APOLÔ*

O *Hino a Apolo* é o mais antigo da coletânea dos hinos homéricos. Sobre o *Hino Délio* dispomos de mais informação que qualquer outro, graças ao seu autor; que, afastando-se da tradição, apresenta-se como “o homem cego de Quios” (verso 172)⁸. É claro que, na forma como o conhecemos, o proêmio foi composto para ser executado em Delos; mas o simples fato de ele ter sido preservado demonstra que o *Hino* era apreciado também em outros lugares. Geralmente admite-se que se trata de uma composição muito antiga e o primeiro argumento a favor dessa hipótese é a menção à assembléia jônica (verso 147). Essas assembléias devem ter sido famosas desde o princípio do século VIII a.C., quando os messênios enviaram um sacrifício e um coro masculino em honra de Apolo em Delos, durante o reinado de

6. Wilamowitz, *Pindaros*, p. 74, cit. por Humbert, *op. cit.*, p. 69.
7. *Op. cit.*, p. 98.
8. Segundo T. B. L. Webster (*Homeric Hymns and Society*, Bruxelas, 1975, v. bibliografia), essa passagem autobiográfica no meio do poema sugere uma data bem antiga para a composição, uma vez que Hesíodo, no meio dos *Trabalhos e os Dias*, 644, também recorre ao mesmo procedimento.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Costuma-se igualmente destacar que figura de Apolo apresenta características muito arcaicas: ele é temido pelos outros deuses (versos 1-13) e tem a reputação de ser “ensoberbado” (verso 67; cf. também 72-73). Mas também esse não é um elemento decisivo: não sabemos desde quando os aspectos primitivos do deus são recordados pela tradição. Pressupõe-se que essa parte do *Hino* seja contemporânea dos Poemas Homéricos: é provável, embora esse fato não possa ainda ser demonstrado. Allen-Halliday-Sikes estimam uma data não inferior a 600 a.C. e consideram que todo o *Hino* pertence à mesma época dos poemas mais antigos do Ciclo Épico e da *Teogonia* de Hesíodo, observando que a narrativa de ambos os lugares sagrados (isto é, Delos e Delfos) é bem simples: característica típica do estágio primitivo de todas as religiões, pois a elaboração e a pompa surgem com o tempo, como demonstra a história de cultos posteriores.

Explica-se a atribuição do *Hino* a Homero, como ocorre também habitualmente nas atribuições dos poemas do Ciclo Épico, pelo fato de ser essa a tendência normal na antigüidade para toda a produção épica arcaica.

Com relação à data da segunda parte, isto é, da *ampliação* do *Hino Délio* (já que algumas evidências apontam que ela não teria tido uma existência independente)¹³, alguns dados permitem-nos situá-la com relativa probabilidade. Pensava-se que o episódio de Tífon fosse elaborado depois de Estesícoro; uma vez que ele e não o autor do *Hino* é mencionado no *E.M.* 772. 50 com relação ao nascimento de Tífon; mas esse

13. Como observa Càssola, alguns críticos (de Hermann a Deubner), notam que o verso 207 repete o verso 19, e a partir disso deduzem que o autor do *Sequência Pítica* havia utilizado o exórdio do *Hino Délio* (versos 1-18); dessa forma, ambos teriam sido justapostos na redação escrita para evitar a repetição dos primeiros dezoitos versos. Habitualmente, os que seguem essa hipótese supõem que os versos 179-205 sejam uma variante do *Hino Délio*. Van Groningen, ao contrário, supõe que a parte comum aos dois hinos seja muito mais extensa (versos 1-139); isto é, o segundo poeta teria acolhido em sua composição quase todo o hino mais antigo, excluindo somente a exaltação da assembleia jônica e a apóstrofe às delfíades (versos 140-178), quer dizer, a parte que, fora de Delos, não teria podido interessar ao público. Nesse caso, a hipótese que os dois hinos tenham sido justapostos no mesmo manuscrito é mais aceitável; tratava-se de evitar a repetição de 139 hexâmetros. A explicação mais difundida, no entanto, é que o autor da segunda parte havia tomado o *Hino Délio* tal como era, acrescentando-lhe, posteriormente, uma continuação (para a tese contrária cf. nota 14).



Figura 18. Estatueta de bronze de Apolo “Mânticlos”, de Tebas (com inscrição votiva nas duas coxas). Século VII a.C.

argumento é insignificante: os *Hinos* são constantemente ofuscados pela poesia lírica (cf. também nota ao verso 306).

Baseado no fundamento de que a ocorrência do digama é um pouco mais observada na segunda parte que na primeira, Fick (*B.B.* XVI, 21) chegou à surpreendente conclusão que o seu autor havia tomado a segunda parte como modelo para compor a primeira¹⁴. Todavia, como bem repararam Allen-Halliday-Sikes¹⁵, raros modelos assemelharam-se tão pouco às suas cópias quanto ao tema e ao tratamento.

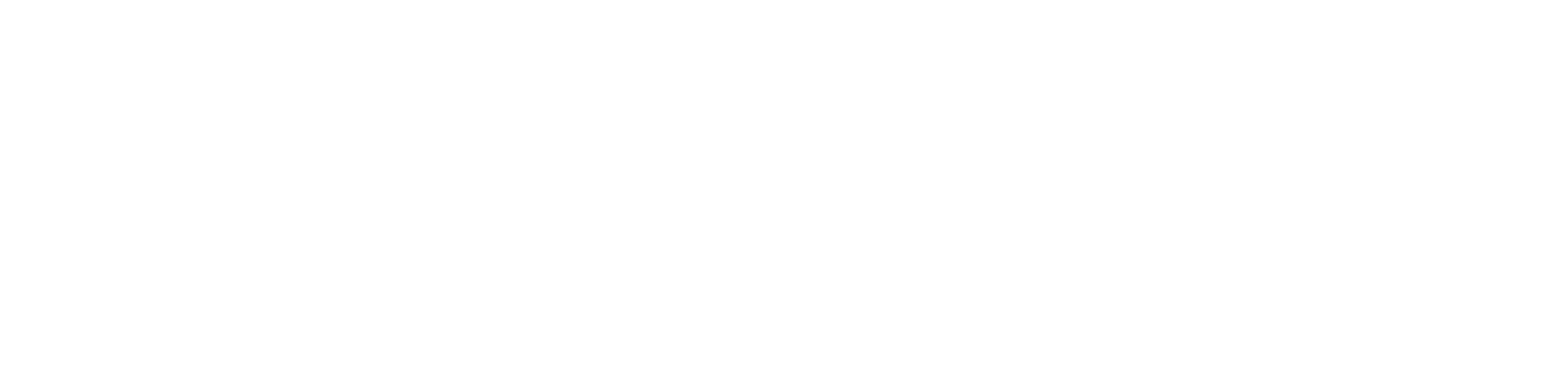
Segundo vários estudiosos, a data da composição da segunda parte deve ser muito antiga porque o nome “Delfos” não é mencionado; além disso, se a fonte Telfusa recomenda a Apolo que construa seu templo em Delfos (no poema, Pito), é porque lá ele não será molestado pelo fragor dos carros e dos cavalos, o que significa que esses versos devem ser anteriores a 582-581 a.C. (*terminus ante quem*), ano em que teve início a série regular dos jogos píticos, compreendendo também, as corridas de carros. No entanto, Delfos eleva-se a mais de 500 m de altura, enquanto o hipódromo está na planície crísea; desta forma, os cavalos não podiam absolutamente perturbar o deus nem antes de 582 a.C., nem depois.

Ao descrever a construção do primeiro templo délfico, o poeta nos diz que “incontáveis estirpes um templo erigiram / com sólidas pedras, para sempre ser em canções celebrado” (versos 298-299). A opinião mais difundida, a esse respeito, é a de que esses versos comprovam que o templo de Trofônio e Agamedes ainda estava de pé na época do poeta, o que significa que o *Hino* foi provavelmente composto antes de 548 a.C., ano em que o templo foi destruído por um incêndio (Paus. X, 5, 8). Entretanto, o poeta não afirma que o templo será eterno, mas somente que será eternamente celebrado.

Depois de ter conduzido seus sacerdotes até Pito, Apolo faz uma profecia: “Outros homens, depois desses, como líderes tereis. / e com a força deles, obedientes heis de ser” (versos 542-543). Segundo

14. Provavelmente esse foi o ponto de partida de M. L. West, “Cynaethus Hymn to Apollo”, *CQ*. 25: 161-170, 1975, que é, atualmente, o principal defensor dessa opinião.

15. *Op. cit.*, p. 185.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

à admissão dessa hipótese. De qualquer modo, a tradição poética subjacente é tão marcadamente jônica que expressões locais (algumas poucas explicações etiológicas) nem entram em questão.

Há também várias tentativas para se explicar como o *Hino* veio a adquirir sua forma atual: Kirk, por exemplo, supõe que as duas partes foram reunidas na Ática sob o comando de Pisístrato ou de seus filhos; Burkert, por sua vez, apresenta, em uma análise instigante²⁰, uma outra conclusão: a única ocasião histórica em que teria ocorrido um grande festival em Delos e, ao mesmo tempo, uma celebração pítica, foi quando Polícrates de Samos, provavelmente em 522 a.C., organizou uma mescla de jogos délios e píticos para comemorar sua hegemonia no Mar Egeu: essa seria, na sua opinião, a única situação adequada para que um homérida de Quios apresentasse uma combinação do *Hino Délio* com *Hino Pítico* a Apolo. Desse modo, o texto que chegou até nós teria sido composto ou adaptado especialmente para essa solenidade; o que não seria nada estranho, já que

uma particularidade do culto de Apolo é o fato de ele ter tido dois centros supra-regionais que desenvolveram uma influência missionária: Delos e Pito-Delfos. Santuários dedicados especialmente ao deus de Delos ou pítico encontravam-se por todo o lado, freqüentemente também ao lado uns dos outros, delegações festivas eram regularmente enviadas destes santuários para o santuário central e isso desempenhava um papel essencial na comunicação e na sensação de união entre os gregos²¹.

Esse fato, por si só, justificaria plenamente a tentativa de um homérida para reunir, em uma mesma composição, a primeira parte do *Hino*, que se passa em Delos, e a segunda, que pressupõe o estabelecimento da ação na Beócia e na Fócida.

20. W. Burkert, "Kynaithos, Polycrates, and the Homeric *Hymn to Apollo*", em Arktouros, *Hellenic Studies Presented to Barnard M. W. Knox*, Berlim, 1979, pp. 53-62.

21. W. Burkert, *Religião Grega...*, p. 286.



ESTRUTURA DO HINO

Composto ou não de um hino original e uma ampliação posterior, o fato é que temos em mãos um único poema e como tal ele deve ser assim estruturado, ainda que, evidentemente, tenha-se que respeitar, ao analisar sua composição, a fronteira entre ambas as partes¹. A estrutura do *Hino* pode ser sintetizada da seguinte maneira:

HINO DÉLIO (VERSOS 1-178)

Proêmio (1-18)

A incursão de Apolo no Olimpo, em que os deuses se amedrontam, é descrita em alguns versos: somente Zeus e Leto, seus pais, receberam-no sem medo. Bem-aventurada é a mãe que gerou o deus portador do arco e a sagitífera Ártemis! (15).

1. A. B. Pajares, *Hinos Homéricos y la Batracomiomaquia*, Madrid, Gredos, 1988, p. 93.

Tema do Nascimento (25-133)

Depois de evocar o poderio e a glória de um deus tão celebrado (19), o poeta opta pelo tema do nascimento (25). Leto vagueia pelo arquipélago do Egeu (30-46), à procura de um lugar que dê guarida ao seu filho: mas todas as ilhas, aterrorizadas (47), recusam-se a acolher o deus, com exceção da deserdada Delos que, não sem apreensão (66) nem precauções (79), decide receber Leto. Durante nove dias e nove noites (91), a mãe do Arqueiro sofre as dores do parto: as deusas mais nobres do panteão pré-olímpico auxiliam-na (93)²; mas a ciumenta Hera retém Iilitia longe de sua rival (100). As deusas enviam, enfim, Íris, que traz Iilitia consigo, sem que Hera perceba (105): Leto dá à luz junto à Palmeira (117). Desde o seu nascimento, o jovem Apolo manifesta uma força irresistível (128), reivindica seus atributos (131) e proclama seus poderes proféticos (132).

Tema da Glorificação de Delos (133-164)

Alegre por ter sido escolhida dentre todas as terras, Delos cobre-se de ouro (135). A ilha é particularmente querida pelo deus quando se reúnem as esplêndidas πανηγύρεις (“assembléias”) dos jônios (146-164): não somente a população oferece o mais gracioso espetáculo (153), mas há também o grande prodígio, as “délitas donzelas”, de dons extraordinários (162).

Final (165-178)

Depois de invocar Apolo e Ártemis (e talvez Leto, v. variantes do verso 165), o poeta pede às moças de Delos que, ao serem interrogadas sobre quem é o mais doce dos aedos, e aquele que mais lhes agrada, respondam que ele, o cego de Quios, é o seu poeta favorito. Fórmula de despedida (177-178).

2. O verso 96, suspeito de ter sido interpolado, aparece na tradução entre colchetes.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



ANÁLISE ESTILÍSTICA

A descoberta da poesia oral, bem como de novos processos de análise pela moderna crítica literária, ensinou-nos que a poesia grega arcaica não pode ser compreendida se desconsiderarmos a execução ao vivo para a qual ela estava destinada. Um autor antigo não escrevia um livro de textos: ele compunha e atuava em consonância com a sua audiência¹. Desse modo, pressupõe-se, logicamente, que os *Hinos Homéricos* eram *performances* de proêmios, dirigidos a um deus e à audiência em um determinado festival, como uma introdução ao recital épico propriamente dito.

Por outro lado, a análise estilística dos *Hinos* contribui igualmente para aclarar os complicados debates acerca da autoria, da data e do local de sua composição, por meio de um acurado exame das expressões idiomáticas, neologismos, fenômenos de degeneração de fórmulas tradicionais, estilo, etc., e assim estabelecer, com certa segurança, uma base mais sólida para essas discussões.

Segundo Kirk², há menos diferenças entre a parte *Délia* e a *Pítica*, quanto ao uso e ao abuso da linguagem épica, do que se poderia imaginar.

1. W. Burkert, *Kynaithos...*, p. 58.

2. *Op. cit.*, pp. 179 e ss.

nar. Tudo que se segue na parte délia é fluente e mais que uma mera imitação, embora com poucos e normais equívocos de formas tradicionais e raras características hímnicas. A parte pítica foi mais prejudicada por erros e omissões, a passagem da “escolha do tema” (versos 207-213) está entre as que foram pior manipuladas. O episódio de Telfusa é o mais fluente dessa parte. Do ponto de vista lingüístico, a interulação de Tífon é impecável, apesar de indistinta e hesiódica. A descrição do percurso da nau dos cretenses é bastante mesclada, com muitos desvios desajeados de algumas passagens homéricas; tanto aqui como na parte final do *Hino* – quando o deus se revela aos cretenses e depois os guia até Pito – o autor demonstra um inusitado conhecimento da *Iliada* e da *Odisseia*, ou pelo menos de alguns cantos desses poemas; mas mostra também, por outro lado, uma excessiva autoconfiança que o leva a reorganizar gratuitamente versos e frases tradicionais com resultados ligeiramente inferiores aos dos originais.

Essas apreciações concernem ao plano da dicção épica, e, a partir delas, podemos concluir que o núcleo da parte délia é, com efeito, mais puro, em termos tradicionais, que o núcleo da parte pítica, apesar de ambas as partes exemplificarem, de maneira típica, a técnica sub-épica.

É nos aspectos mais amplos do estilo – sobretudo na estruturação dos temas – que as diferenças entre as duas partes se evidenciam: o autor da parte délia desenvolve seu tema principal (a procura de um lugar de nascimento para o deus) com habilidade e encanto, a extensão não é nem excessiva nem ligeira; a transição para o festival dos jônios é suavemente manejada e a descrição do próprio festival e da apóstrofe ao coro das delíades é elegante e graciosa. Por contraste, toda a parte pítica é um tanto arrastada. A narrativa é extensa, o desenvolvimento do clímax é muito irregular, e só raramente – como, talvez, no episódio de Telfusa – há algo que nos lembra a χάρις do poeta do *Hino Délia*. Em geral, o efeito é acentuadamente hesiódico bem como seu conteúdo³, o que talvez contribua para o tom enfado-

3. No entanto, as semelhanças não vão muito longe e as coincidências são: verso 62, correspondendo a Teog. 404, verso 81, a palavra χρηστήριον ao Fr. 39. 6, 48; verso 93 (a

nho dessa parte. Outra grande diferença reside na intenção etiológica da parte pítica – somente presente em termos muito genéricos na parte délia e, portanto, discretamente manuseado. A impressão que temos é que a parte pítica é mais um documento hierático ou ritual⁴ com adornos narrativos que, como a parte délia, uma modesta mas genuína empresa poética na forma de um hino.

menção de Réia e Têmis) a *Teog.* 135; verso 121 (ἀγνῶς καὶ καθαρῶς) a *Trab.*, 337; verso 241, citado como proveniente de Hesíodo (não porém de *Os Trabalhos e Os Dias*). Somente o verso 121 pode ser denominado de imitação (cf. Allen-Halliday-Sikes, *op. cit.*, p. 193).

4. J. Defradas, *op. cit.*, pp. 63-64, observou muitos bem esse aspecto: "Dans cette partie de l'hymne, du reste, les qualités poétiques sont moins frappantes que le souci d'exégèse. Par trois fois l'auteur interprète les épithètes du dieu. Son attitude vis-à-vis de Thèbes nous a suggéré l'idée que, vivant dans l'orbite du clergé delphique, il en adoptait les querelles et revendiquait au profit d'Apollon pytien une priorité conquérante".



ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIAIS

A coletânea dos *Hinos Homéricos* que chegou até nós é proveniente da época helenística, com exceção do *Hino a Ares*¹. Quem quer que seja que os tenha compilado deve tê-los achado em circulação como antigas obras de arte e essa literatura antiga era muito procurada para ser executada em recitais de poesia. Uma representação em um λήκυθος (“lécito”) de procedência ática (cerca de 470 a.C.) mostra um jovem estudante declamando o *Hino a Hermes* (XVIII): o que demonstra que o poema já havia se tornado um texto escolar². O λεύκωμα (“tabuleta branca”) em Delos do *Hino a Apolo*, como já foi dito, não pode ser datado com precisão, mas o próprio poeta parece não ter dúvida de sua existência (cf. verso 174).

É, no entanto, mais interessante indagar, como propõe Webster³, quem era o primitivo auditório, qual era a finalidade dos hinos para ele e em que aspectos os hinos correspondiam às suas idéias. O poeta do

1. M. L. West, *The Eight Homeric Hymn and Proclus*, C.Q., 20, 1970, pp. 300, 303. Cit. por T. B. L. Webster, “Homeric Hymns and Society”, em *Le Monde Grec: Pensée, littérature, histoire, documents: Hommages à Claire Préaux*, Bruxelas, 1975, pp. 86-93.
2. J. D. Beazley, *Hymn to Hermes*, em A. J. A., 1948, p. 336.
3. *Op. cit.*, pp. 87-91.



Figura 20a. Apolo e Ártemis. Detalhe de uma alça de escudo, século VII a.C.

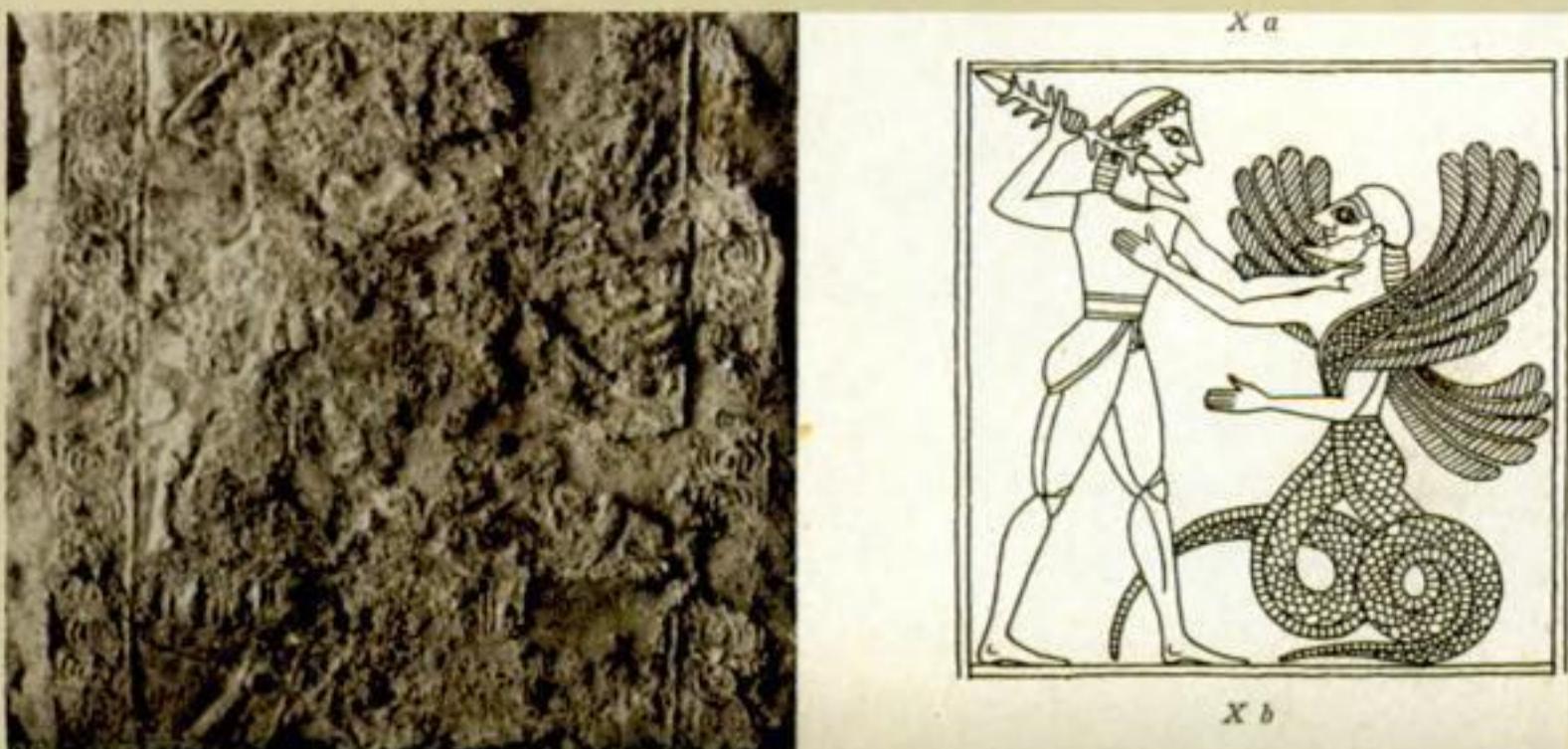


Figura 20b. Zeus atacando Tifon. Detalhe de alça de escudo, século VII a.C. (a representação dessa cena era um dos temas preferidos pelos artistas do período arcaico).

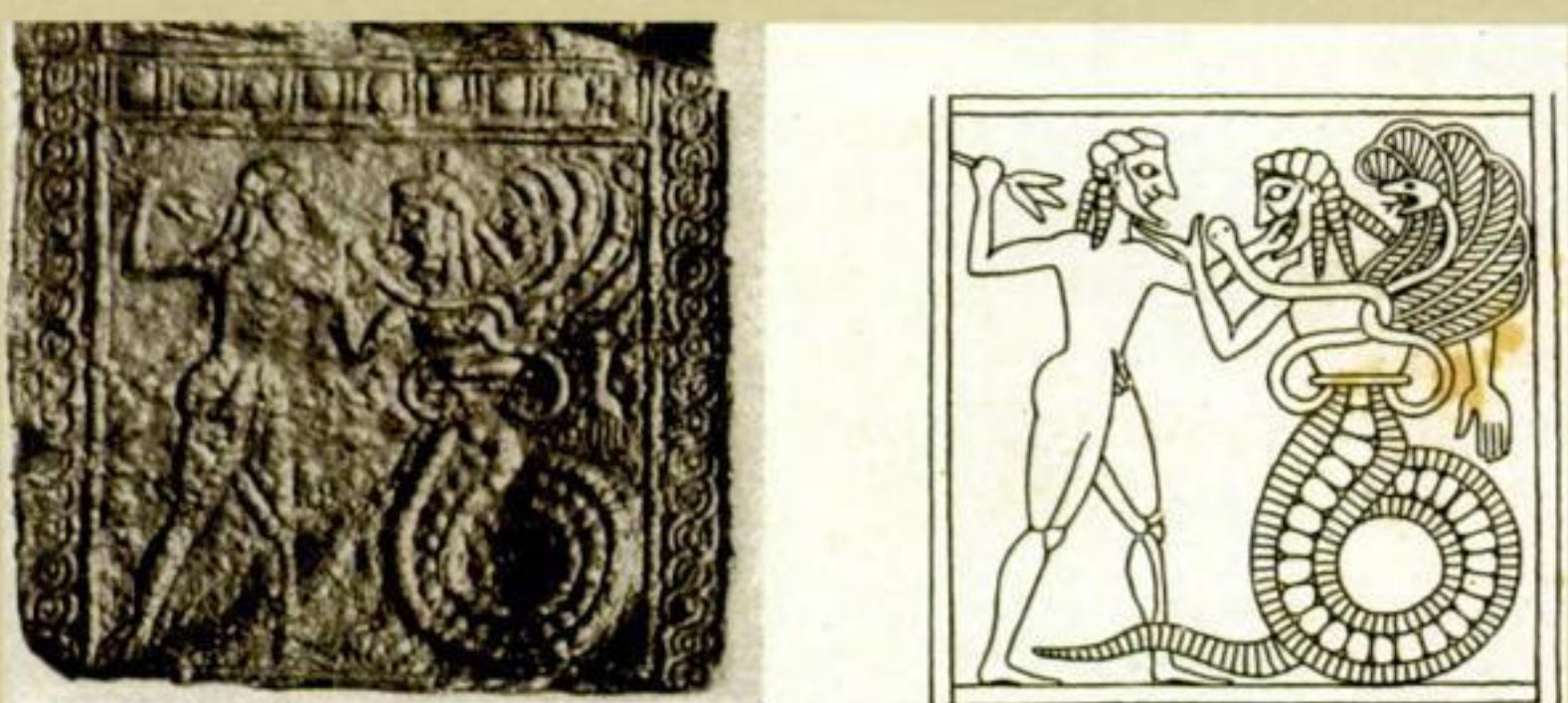


Figura 20c. Zeus atacando Tifon. Detalhe de uma alça de escudo, século VII a.C.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

A *Ilíada* (IX, 404-405) é primeiro texto onde Pito é considerado como o local do santuário de Apolo. O santuário é caracterizado pela mesma expressão no *Hino a Apolo*, 296: “pétreo portal”. Por oposição aos umbrais de bronze (*Odisseia*, VII, 83) que recordam as riquezas dos palácios micênicos cobertos de placas desse metal, então precioso, e aos umbrais de madeira (*Od.* XVII, 339; XXI, 43) da época arcaica, o umbral de pedra designa essas esplêndidas mansões que os gregos começaram a construir para os seus deuses durante o século VII a.C., onde as riquezas viriam a ser acumuladas⁵.

Wilamowitz também assinalou o caráter único das informações que a *Seqüência Pítica* nos fornece sobre Delfos no início do século VI a.C.⁶. Como se trata do texto autêntico mais antigo que esteve em contato direto com o santuário, esperava-se que fossem mencionados os elementos do culto que a partir do século V a.C. serão considerados inseparáveis do nome de Delfos. Entre os elementos mais importantes, o estudioso alemão constata a ausência do combate com a serpente “tal que supusesse o nome pítico”. Sem dúvida, diz ele, nós teríamos aqui a narrativa primitiva; mas o fato de que toda idéia de purificação depois da morte da serpente esteja ausente é muito instrutivo: ele nos informa que a doutrina moral da purificação ainda não foi adotada por Delfos. Antes de Wilamowitz, outros estudiosos, constatando a ausência do χάσμα (“fenda”), da *trípode oracular*, do ônfalos e da multidão de adoradores da *sacerdotisa*⁷, pensaram que a religião de Delfos ainda não havia se consolidado e concluíram que a *Seqüência Pítica* remontava a uma época anterior ao século VI a.C.

É possível que o autor da *Seqüência Pítica* não tivesse dito tudo. Na época em que ele a escreveu, o imperialismo moral de Delfos estava apenas em via de se afirmar. Todavia, o poeta menciona a multidão de adoradores que enriquecerão o santuário e garantirão a subsistência dos sacerdotes. Se a trípode oracular não é nomeada, as trípodes votivas já

5. J. Defradas, *op. cit.*, p. 30.

6. Pindaros, pp. 73 e ss., nota 3 da p. 74. Cf. *Der Glaube der Hellenen*, II, 1932, p. 32. Cit. por Defradas, *op. cit.*, p. 83.

7. Verrall, cit. por Allen-Halliday-Sikes, *op. cit.*, p. 185.

estão presentes. É verdade que não há uma referência à significação moral e religiosa do oráculo nem à tendência de hegemonia que será expressa no símbolo do *ônfalos*: nem tudo está explícito, mas está em germe, e todos os elementos estão em seus lugares. Os temas délficos começam a ser elaborados antes da Guerra Sagrada.

A doutrina do *ônfalos*, que colocará Delfos no centro do mundo, ainda não foi formulada. Mas o clero de Delfos soube rebaixar os santuários vizinhos que podiam entrar em concorrência. Ele finge ignorar a existência de *Tebas*, onde *Apolo Ismênia* assemelha-se muito a *Apolo Pítio*. Ele obtém uma vitória sobre Telfusa, à qual ele impõe a presença de um Apolo vassalo de Delfos (*Apolo Telfúsio*). Ele toma a seu serviço Trofônio, senhor do oráculo da Lebadia e finalmente transfere o célebre culto do delfim de Crisa para Pito.

A doutrina da purificação não foi expressa: a purificação não foi ainda aplicada ao próprio Apolo, matador da serpente. Mas os ritos catárticos já foram introduzidos em Delfos com os peãs e as trípodes dos cretenses. Esses também estão no centro do ritual délfico e, sem eles, o episódio da doutrina délfica não teria nenhum sentido. Segundo os desenvolvimentos posteriores e as informações que possuímos de Creta, as cerimônias orgiásticas às quais se entregam os *ópyíovες* (“sacerdotes”, “antistes”) de Cnossos só podem ser as cerimônias de purificação.

Enfim, não é expressa nenhuma doutrina moral na *Seqüência Pítica*, como mais tarde será encontrada nos Sábios da Grécia, em Sócrates ou Platão. Mas, em oposição ao caráter violento de Apolo, delineado na *Ilíada* e no *Hino Délio*, o deus passa a pertencer aqui à categoria dos deuses e heróis matadores de monstros. Nessa luta entre o bem e o mal, a morte da serpente deve ser considerada como uma vitória do princípio do Bem sobre o Mal. Completa-se assim a transformação de Apolo.

Ainda não se encontra o que se poderia chamar de uma doutrina da mânica apolínea. Há poucas indicações sobre os procedimentos do oráculo: o deus exprime-se a partir do loureiro (versos 395 e ss.) e não há nada que permita pressentir a mânica da inspiração que caracterizará a Pítia. Se no *Hino Délio* Apolo pronunciava seus oráculos em nome de Zeus, do qual ele era intermediário em suas relações com os homens,

essa idéia, que será retomada por Alceu e Ésquilo, não é mais expressa na *Seqüência Pítica*. Apolo é freqüentemente qualificado como filho de Zeus, mas Zeus já não é o inspirador do oráculo. O deus pítio tornou-se cioso de suas prerrogativas.

A arqueologia provou que o santuário de Delfos só se desenvolveu e enriqueceu verdadeiramente durante o século VII a.C. A Anfictônia transfere sua sede para lá nos últimos anos desse século. A difusão do deus pítio, situado no ponto de encontro das rotas que vêm da Tessália e do Oriente, vai crescer rapidamente e atingir seu apogeu na metade do século VI a.C. Nesse santuário que recebe os peregrinos continuamente, e não só, como Olímpia, a cada quatro anos, por ocasião das festas pan-helênicas, as trocas ocorrerão com uma rapidez considerável. Centro religioso e artístico de primeira ordem, não é de se admirar que Delfos venha a ser também um centro de pensamento e que os temas delineados na *Seqüência Pítica* tenham sido imediatamente formulados, desenvolvidos e aplicados a inúmeros casos e lendas que doravante irão receber uma versão délfica⁸.

8. J. Defradas, *op. cit.*, pp. 83-85. A meu ver, sua interpretação para a *Seqüência Pítica* é, de longe, a melhor. Adotei-a na íntegra para explicar várias passagens dessa parte, sobretudo com relação aos epítetos cultuais do deus.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Dentre os mitos narrados, só um apresenta-se sem uma funcionalidade: o tema de *Tífon*, que na *Teogonia* hesíodica desempenha, ao contrário, um papel fundamental. Há ainda outros aspectos mencionados no *Hino*, igualmente importantes para a compreensão do caráter de Apolo, relacionados às funções do deus, como a de condutor do coro das Musas (*Μουσηγέτης*); a sua ligação com o peã (que é, por excelência, o canto apolíneo); o seu caráter solar e a sua identificação com os jovens. Essas características e as localidades geográficas, serão analisadas na Parte III – Comentários e Notas.



O HINO A APOLO NA LITERATURA POSTERIOR

Enquanto os outros *Hinos Homéricos* foram geralmente desdenhados pelos autores antigos, o *Hino a Apolo* parece ter sido conhecido e apreciado desde os tempos primitivos. Ele foi utilizado como modelo por dois dos hinos menores (XXVII, *Hino a Ártemis*; XXVIII, *Hino a Atena*). No século VI a.C., Teógnis (em 5 e 9) mostra uma influência da parte final do *Hino Délio* (versos 117 e 118). Em Píndaro há algumas possíveis reminiscências, mas elas são duvidosas (*Fr.* 87, 88 para o verso 73 e *Nem.* V, 22 para o verso 189). Ao final do século V a.C. ele já havia se tornado um clássico: Tucídides considerou-o como uma evidência histórica e Aristófanes pressupôs que ele era familiar para seus espectadores. Os poetas alexandrinos utilizaram-no livremente; Calímaco foi o seu maior devedor, em seus *Hinos a Apolo* e *a Delos* (cf. versos 19, 119, 135, 383, 396); mas Apolônio e Teócrito também serviram-se dele (cf. versos 119 e 487). O décimo sétimo idílio de Teócrito é nitidamente inspirado no *Hino Délio*.

Um considerável número de *Hinos a Apolo* é lembrado (alguns por escritores antigos), dos quais nada mais resta, como por exemplo, por Olen (Paus. V, 7, 8), Boéo (*idem*, X, 5, 7), Eumelo (*idem*, IV, 33, 2),



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Herofila, a sibila (*idem*, X, 12, 2), Melanopos de Cime (*idem*, VI, 7, 3), Fílamon (Heráclides ap. Plut. *de mus.* 1132 A), Tínicos de Cálcis (Platão, *Ion*, 534 D), um ἔγκωμιον da Erétria (*IG.*, XII, 9, 913), a poetisa espartana Myia (Suidas, *in Muīa*).

Entre os Hinos existentes, na íntegra ou em parte, estão Calímaco, *Hino a Apolo*; o *Hino de Tenos*, *IG.* XII, 5, 893; *Orf. H.* XXXIV; anôn. *H.* II (Abel, *Orf.* p. 285); *H. mag.* I, II (*idem*, pp. 281, 289), Hinos I e II *in Jan, Script. mus. graec.* suppl. pp. 12, 23; pap. Ox. 1792; Píndaro, *Fr.* 87, 88, *peãs III, IV, V, VI*; Alceu, *Fr.* 2-4; Ananius, *Fr.* I; Arquíloco, *Fr.* 27; Terpandro, *Fr.* 2; Simônides, *Fr.* 2, escólio 4 (*PLG.* III, 644). Cf. Allen-Halliday-Sikes, *op. cit.*, p. 200.



A IMAGEM DE APOLO ATRAVÉS DOS ELEMENTOS LITERÁRIOS DO HINO¹

Com relação à forma visual que as imagens elaboradas, plásticas ou gráficas, propõem de Apolo, os textos referentes à sua fisionomia delineiam a forma mental que se tinha do deus e oferecem uma oportunidade para se conjecturar a forma viva, em ação, etimologicamente “dramática”, que poderia proporcionar a representação teatral quando um ator tinha que encarnar o deus em cena. A distinção desses três modos diferentes de representação, a pensada, a elaborada e a cênica, cria o problema de suas interdependências, de suas divergências e convergências. Em particular, entre a fisionomia concebida pelos textos e a fisionomia materialmente perceptível, mostrada pela imagem, a dependência pode ser mais ou menos estreita; em todo caso, a segunda complementa necessariamente as lacunas da primeira ao suprimir tudo o que não é tecnicamente representável: ver-se-á então que a representação mental de Apolo limita-se a alguns traços aos quais a imagem deve acrescentar muitos outros; por outro lado, a concepção mental contém vários elementos di-

1. Todas as informações dessa seção foram extraídas do *Lexicon Iconographicum Mitologiae Classicae II – 1 – Aphrodisias – Athena (V. Apollon)*, Artemis Verlag Zurich und München, pp. 183-185.

fíceis de serem representados, principalmente os traços de cor, excluídos das representações monocromáticas.

O problema das relações entre esses dois modos de representação estabelece o problema de sua anterioridade recíproca, que nem sempre é fácil de determinar: ou a imagem é anterior (e desse modo o texto não pode fazer mais do que descrevê-la ou se inspirar nela); ou então a idéia do aspecto do deus antecede a imagem, que pode ser a sua realização visível. No âmbito grego, essas duas possibilidades estão abertas desde o final do período arcaico; mas no caso de Apolo, como veremos, o problema da anterioridade mútua entre a fisionomia imaginada e a fisionomia representada só se estabelece muito sutilmente.

Os textos mais antigos, sobretudo os textos homéricos, têm toda possibilidade de ser anteriores às primeiras imagens suficientemente diferenciadas dos deuses e podem tê-las orientado. De todo modo, a fisionomia imaginada de Apolo já havia atingido o seu desenvolvimento máximo nesses textos e permaneceu, em seguida, inteiramente estável: quer o motivo tenha sido a insignificante evolução da representação mental do deus ou a total fidelidade literária ao formulário e à tradição homérica, o fato é que os textos posteriores (de Píndaro e dos trágicos até os autores do Império Romano) não acrescentam praticamente nada ao retrato do Apolo homérico.

O retrato que os epítetos (em maior escala) e algumas anotações narrativas delineiam de Apolo nos textos homéricos e imediatamente posteriores (como é o caso do nosso *Hino*) é muito limitado e não nos fornece, de modo algum, os elementos para uma imagem completa do deus²: A. Apolo está armado de arco e, mais raramente, de uma espada; B. ele toca a cítara; C. ele tem os cabelos não-tosados; D. alguns traços isolados são acrescentados à sua constituição física e ao seu equipamento.

A. A figura de Apolo arqueiro é a mais freqüente. O deus é representado com o carcas sobre o ombro e o arco em sua mão (Hom.

2. Para o presente trabalho cito somente as referências às obras de Homero e de Hesíodo e os epítetos que têm uma relação direta com os do *Hino*.



Figura 22. Apolo mata o gigante Titios. Cratera do pintor de Pentesileia, século VI a.C. Para comentário, ver Apêndice I – Catálogo das figuras.

Il. I, 45 e *H. Apol.* 4-6, etc.). Na maioria das vezes, e sempre em Homero, trata-se de um arco de prata (Hom. *Il.* I, 49; XXIV, 605; *H. Afrod.* 152. ἀργυρότοξος: Hom. *Il.* I, 37; *Od.* VII, 64; *H. Apol.* 140; *H. Hermes*, 318, 327, etc.). Vários epítetos, repetidos indefinidamente, remetem a esse equipamento: ἐκηβόλος, “que de longe asseteia” (Hom. *Il.* I, 14; *H. Apol.* 45; Hes. *Teog.* 94, etc.); ἐκάεργος “asseteador”, “frecheiro” (Hom. *Il.* I, 474; *H. Apol.* 56, etc.); ἐκατος, *idem* (Hom. *Il.* I, 385; *H. Apol.* I, etc.); τοξόφορος, “portador do arco”, (Hom. *H. Apol.* 13, 126), epíteto também comum a outras divindades, como Ártemis (Hom. *Il.* XXI, 483), e a seres humanos.

O arco é um elemento tão característico na figura de Apolo que nem bem ele havia acabado de nascer e já o reclamava como seu atributo, tal como a cítara (Hom. *H. Apol.* 131). Arqueiro por excelência, ele pode ser chamado simplesmente de ἐκηβόλος (Hom. *Il.* I, 96) ou ἀργυρότοξος (Hom. *Il.* XX, 229; XXIV, 56, etc.). Apolo utiliza o arco para matar a serpente de Delfos (Hom. *H. Apol.* 356-359); mas igualmente para matar seres humanos (*Il.* I, 51-53; XXIV, 605, os filhos de Níobe; *Od.* III, 279). Homero também o representa como um “deus terrível” (*Il.* IV, 514).

Ainda que normalmente ele seja denominado por “arqueiro”, Apolo recebe também, desde Homero, o epíteto de χρυσάορος ou χρυσάωρ (*Il.* V, 509; XV, 256; *H. Apol.* 123, 395; Hes. *Trab.* 771; *Fr.* 357, 3 Melkerbach-West, etc.) que com razão parece significar “da espada de ouro”, “aurigládio” (cf. Chantraine I, 95 e escólio T à *Il.* XIV, 385. V. também nota do verso 395 da Parte III – Comentários e Notas), apesar de que outros tradutores tenham-no interpretado como “da lira de ouro”, o que, segundo eles, explicaria o emprego do mesmo epíteto com relação a outras divindades: Démeter (*H. a Dém.* 4), Ártemis (oráculo em Heród. VIII, 77) e Orfeu (Pínd. *Fr.* 139, 12 Snell-Maehler).

- B. Desde Homero, Apolo também portava a lira: nem bem ele havia nascido e já reivindicava a cítara como sua prerrogativa; a



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

- qual, segundo outras fontes (H. Hermes, 475-502, etc.), ele teria recebido de Hermes, ou de Zeus (Alceu, Lobel-Page *PFL Fr.* 307 C). A cítara é, como o arco, um atributo habitual de Apolo, igualmente sustentada pela mão esquerda (H. *Hermes*, 499), quando ele está em companhia das Musas (*Il. I*, 603-604; *H. Apol.* 182, 201, cf. 189-193; *H. Hermes*, 450) ou sozinho (*H. Apol.* 515). Citado por excelência, é ele que, com as Musas, ensina o canto para os homens (*Od. VIII*, 488; *Hes. Teog.* 94-95), do mesmo modo que, enquanto arqueiro, concede-lhes a arte do tiro. O instrumento é alternativamente designado como φόρμιγξ, “fórmix” (*Il. I*, 603; *H. Apol.* 182, 515; etc.) e κίθαρις, “cítara” (*H. Apol.* 131, 201, 515; *H. Hermes*, 499, etc.).
- C. Os cabelos são a única característica literariamente importante do retrato físico de Apolo. Dois traços foram repetidos através de toda a antigüidade: o primeiro deles, que é o que interessa para o nosso presente estudo, menciona que Apolo tem cabelos “não-tosados”, “intonsos” (cf. *H. Apol.* 449-451) sem que jamais se determine a situação; ele é ἀκερσεκόμης (*Il. XX*, 39, por oposição a Ares, com o elmo; *H. Apol.* 134; *Hes. Fr.* 60, 3 Melkerbach-West) esse qualificativo é aplicado quase que exclusivamente a ele.
- D. Sobre outros elementos do aspecto físico e do equipamento de Apolo, os autores só trazem anotações muito mais esporádicas: a recorrência dos mesmos epítetos e dos mesmos traços descriptivos fizeram com que o resto da figura de Apolo permanecesse na sombra (como por exemplo, as enunciações genéricas do tipo: Apolo é jovem, cf. *Hino a Apolo*, 449). O retrato literário delineado por esse esboço nada mais é, como para quase todas as divindades, que o resultado de uma compilação de traços apresentados isoladamente. É extremamente raro que um autor os reúna para delinear uma figura um pouco menos fragmentada. Seu retrato mais completo é fornecido por Calímaco, *H. 2*, 32-37; 44-45.

As relações com animais não são muito características do retrato literário de Apolo; e apesar de que epítetos tais como *Delfí-*



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

nios, Esmínteu e Lício permitam-nos supor alguns antecedentes animais, as metamorfoses de Apolo em animais são extremamente raras: o *Léxicon Iconographicum Mitologiae Classicae* (*op. cit.*, pp. 183-185) afirma que a única ocorrência atestada na literatura antiga é a passagem do nosso *Hino* (v. 400), onde o deus surge “em delfim disfarçado”. No entanto, na *Ilíada*, VII, 59-60, “Atena e Apolo do arco de prata, sob a forma de abutres (έοικότες αἰγυπιοῖσι), postam-se sobre o alto carvalho de Zeus-pai, portador da égide” para assistirem o combate singular entre Ájax e Heitor.

Parte II

TRADUÇÃO

Eu digo: o poeta não deve imitar, mas traduzir; do contrário, seria mais fácil uma versão poética do que em prosa. Versões livres são cômodas; porque, se o autor sabe dar a passagem, fá-lo, e se não sabe, lança-se numa vaga imitação: mas assim, nem tem o mérito da invenção, nem o de vencer as dificuldades em se transformando no original.

ODORICO MENDES



Figura 26. Apolo e Nice. Pélice de figuras vermelhas. Atribuída por Beazley ao pintor de Providência. 475-465 a.C. (Paris, Bibliothéque Nationale, 392).



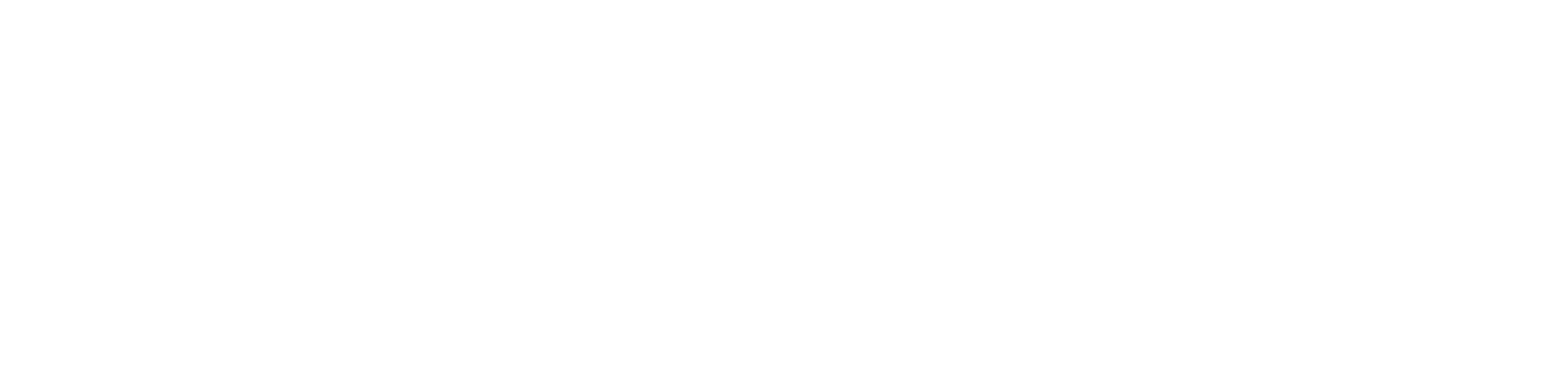
O HINO A APOLÔ



Edição Adotada do Texto Original em Grego

O texto grego adotado para o presente trabalho é o estabelecido por Filippo Càssola, *Inni Omerici*, Milão, Arnoldo Mondadori Editore, 1994 (edição sob licença da Fundação Lorenzo Valla, 1975).

Para a Parte III – Comentários e Notas do *Hino a Apolo*, discuto as soluções também propostas por duas outras edições, a saber, a de Allen-Halliday-Sikes, *The Homeric Hymns*, Oxford University Press / Second edition. Amsterdan, Adolf M. Hakkert, 1963; e a de Jean Humbert, *Homère – Hymnes*, Paris, Collection des Universités de France (Association Guillaume Budé), Paris, Les Belles Lettres, 1959.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

III – A APOLO

Hei de lembrar e não esquecerei Apolo asseteador,
que à Dial estância vindo os divos estremece;
em seu aproximar-se, todos, a um tempo, saltam
de seus sólios quando o fúlgido arco forte flexiona.

- 5 Fica só Leto junto ao Zeus, do raio jubiloso;
tampa a deusa o carcaz e afrouxa a corda do arco,
com as mãos o retira das robustas espáduas,
e num pilar do palácio do pai o pendura,
em áureo cravo; e o leva ao trono, e o faz sentar.
- 10 Em taça áurea, o néctar o pai lhe oferece,
em saudação ao caro filho; e se assentam depois
os deuses vários. Alegra-se então Leto augusta
de haver gerado o filho forte, e portador do arco.
Ó venturosa Leto, salve: a egrégia prole originaste:
- 15 o soberano Apolo e a sagitífera Ártemis,
ela na Ortília e ele em Delos pedregosa;
no monte imenso a te arqueares, ao pé da Cíntia colina,
não longe da palma, e dos mananciais do Inopo.

πῶς τ' ἄρ σ' ὑμνήσω πάντως εὔυμνον ἔόντα;
 20 πάντη γάρ τοι, Φοῖβε, νομοὶ βεβλήστ' ἀοιδῆς,
 ἡμὲν ἀν' ἥπειρον πορτιτρόφον ἥδ' ἀνὰ νήσους·
 πᾶσαι δὲ σκοπιαί τοι ἄδον καὶ πρώονες ἄκροι
 ὑψηλῶν ὁρέων, ποταμοί θ' ἄλαδε προρέοντες,
 ἀκταί τ' εἰς ἄλα κεκλιμέναι λιμένες τε θαλάσσης.
 25 ἦ ὡς σε πρῶτον Λητῷ τέκε χάρμα βροτοῖσι,
 κλινθεῖσα πρὸς Κύνθου ὅρος κραναῇ ἐνὶ νήσῳ
 Δήλῳ ἐν ἀμφιρύτῃ; ἐκάτερθε δὲ κῦμα κελαινὸν
 ἔξηει χέρσονδε λιγυπνοίοις ἀνέμοισιν.
 ἐνθεν ἀπορνύμενος πᾶσι θνητοῖσιν ἀνάσσεις.
 30 ὅσσους Κρήτη <τ'> ἐντὸς ἔχει καὶ δῆμος Ἀθηνῶν
 νῆσός τ' Αἴγινη ναυσικλειτή τ' Εύβοια
 Αἴγαί τ' Εἰρεσίαι τε καὶ ἀγχίαλος Πεπάρηθος
 Θρητίκιός τ' Ἀθόως καὶ Πηλίου ἄκρα κάρηνα
 Θρητίκη τε Σάμος "Ιδης τ' ὅρεα σκιέντα
 35 Σκύρος καὶ Φώκαια καὶ Αὐτοκάνης ὅρος αἰπὺ
 "Ιμβρος ἐύκτιμένη καὶ Λῆμνος ἀμιχθαλόεσσα
 Λέσβος τ' ἡγαθέη Μάκαρος ἔδος Αἰολίωνος
 καὶ Χίος, ἦ νήσων λιπαρωτάτη εἰν ἀλὶ κεῖται,
 παιπαλόεις τε Μίμας καὶ Κωρύκου ἄκρα κάρηνα
 40 καὶ Κλάρος αἰγλήσσα καὶ Αἰσαγέης ὅρος αἰπὺ
 καὶ Σάμος ὑδρηλὴ Μυκάλης τ' αἰπεινὰ κάρηνα

19. τ' ἄρ Barnes (cfr. 207): γάρ codd. δ' ἄρ Wolf¹ τάρ Allen Halliday Barnes: νόμος codd. νόμοι Ernesti in addendis νομὸς Schneidewin | βεβλήστ' ἀοιδῆς Ilgen: βεβλήσται ωδῆς codd. βέβληται ἀοιδῆς Ludwich, Laroche *La racine NEM*, p. 172 21. πορτιτρόφον ΜΘ: παντοτρόφον ρ 22. ἄδον Stephanus: ἄδον Μ ρ ἄδον Θ 23-73. om. M: λείπουσι στίχοι νά M² 24. λιμένες Θ: λιμναι ρ 25. ἦ ως Barnes: ἦ ως codd. ἦ ως Chalcondyles 26. Κύνθου Holstein in Steph. Byz. II, p. 377: κύνθος codd. 28. λιγυπνοίοις Θ: λιγυπνοίοις ρ 29. post hunc versum lacunam statuit Hermann: distinctionem finalem apposuit Allen¹ (cfr. 44) 30. ὅσσους Α Q (Chalcondyles): ὅσσους cet. | τ' add. Hermann 31. Αἴγινη Barnes: αἴγινα codd. | ναυσικλειτή Barnes: ναυσικλείτη codd. 32. τ' εἰρεσίαι codd.: Πειρεσίαι Ruhnkenius | ἀγχίαλος ρ, praetulit Ruhnkenius: ἀγχιάλη Θ (ἀγχιάλην Π) 33. Ἀθόως Barnes: ἀθως codd. 35. Σκύρος Π (Hermann): σκύρος cet. | Αὐτοκάνης ρ (Stephanus): αὐτοκάνης Θ | post hunc versum legitur v. 41 in At D 36. ἐύκτιμένη Hermann: τ' εύκτιμένη codd. 38. νήσων At D L Π ρ: νῆσος ΕΤ



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Μίλητός τε Κόως τε, πόλις Μερόπων ἀνθρώπων,
καὶ Κνίδος αἰπεινὴ καὶ Κάρπαθος ἡνεμόεσσα
Νάξος τ' ἡδὲ Πάρος 'Ρήνειά τε πετρήεσσα,
45 τόσσον ἔπ' ὡδίνουσα 'Εκηβόλον ἵκετο Λητώ,
εἴ τις οἱ γαιέων υἱεῖ θέλοι οἰκία θέσθαι.
αἱ δὲ μάλ' ἐτρόμεον καὶ ἐδείδισαν, οὐδέ τις ἔτλη
Φοῖβον δέξασθαι καὶ πιοτέρη περ ἔοῦσα
πρίν γ' ὅτε δή ρ' ἐπὶ Δήλου ἐβήσετο πότνια Λητώ,
50 καὶ μιν ἀνειρομένη ἔπεια πτερόεντα προσηύδα.

Δῆλ' ἦ ἄρ τις ἔθέλοις ἔδος ἔμμεναι υἱος ἐμοῖο
Φοῖβου 'Απόλλωνος, θέσθαι τ' ἔνι πίονα νηόν;
ἄλλος δ' οὐ τις σεῖο ποθ' ἀψεται, οὐδέ σε τίσει,
οὐδ' εὔβων σ' ἔσσεσθαι δίομαι οὐδ' εὔμηλον,
55 οὐδὲ τρύγην οἴσεις, οὔτ' ἄρ φυτὰ μυρία φύσεις.
αἱ δέ τις 'Απόλλωνος ἑκαέργου νηὸν ἔχησθα,
ἀνθρωποί τοι πάντες ἀγινήσουσ' ἑκατόμβας
ἐνθάδ' ἀγειρόμενοι, κνίσῃ δέ τοι ἀσπετος αἰεὶ
δημοῦ ἀνατέξει, βοσκήσεις θ' οἵ κέ σ' ἔχωσιν

42. πόλις Θ: πόλεις ρ 44. 'Ρήνειά τε Gemoll (cfr. Lobeck *Paralipomena*, p. 302; Dittenberger «Hermes» 1906, p. 172): φηναῖα τε codd. 'Ρηναῖα τε Ernesti | distinctione finali ablata commissa apposuit Allen¹ (cfr. 29) 45. ἔπ' ὡδίνουσα Barnes: ἐπωδίνουσα codd. 46. εἰ τις οἱ γαιέων HJ T^{2c} (Stephanus): εἰ τις οἱς γαιέων Θ εἰ τις γαιάων ρ | θέλοι Matthiae: θέλει codd. 49. ἐβήσετο E T II ρ recepit Hermann: ἐβήσατο At D ἐβήσαστο L 51. ἦ ἄρ Matthiae coll. Od. XVIII 357: εἰ γάρ codd. | κ' ἔθέλοις H (Stephanus): κε θέλοις J κ' ἔθελεις At D K Γ κε θέλεις ET ρ κε θέλης Π κέλης L | ἐμοῖο At L^{ac} II AQ P^{ac} (Stephanus): ἐμεῖο D E T L^c B Γ P^c V 52. ita interpusxit Peppmüller «Philologus» 1884, p. 198 53. τίσει Ernesti coll. v. 88: λίσσει codd. λήσει Agar «Class. Rev.» 1896, p. 388, coll. II. XXIII 326, Od. XI 126 νήσει Verdenius «Mnemosyne» 1953, p. 109 54. οὐδ'² codd. tuerit Franke, Verdenius loc. cit.: οὗτ' Hermann, edd. plerique (cfr. II 22) | σ' έσσεσθαι Wilamowitz *Ilias*, p. 441: σε έσσεσθαι codd. tuerit Humbert σε γ' έσσεσθαι Hermann, edd. plerique 55. τρύγην οἰσεις H J (Stephanus): τρύγην οἰσεῖς At D K ρ Chalcondyles τρύγην οἰστεῖς χ (πολλὸν post οἰστεῖς E: πολλὴν L^{ac} πολλὴν T^{2c} Π^m) τρύγην πολλὴν Gemoll 57. ἀγινήσουσ' J (Barnes): ἀγινήσουσιν cet. ἀγινουσιν Chalcondyles ἀγινοῦσιν Stephanus 58. κνίσῃ Gemoll: κνίσσῃ codd. 59. δημοῦ Baumeister: δηρὸν codd. (μ E^{ac}) | ἀνατέξει Schneiderwin: ἀναξ ει codd. | βοσκήσεις θ' οἵ κέ σ' ἔχωσιν Stoll «Neue Jahrb.» 1859, p. 319: βόσκοις θεοί κέ σ' ἔχωσιν At D II Chalcondyles βόσκοις περίτας (ss. 6) σ' ἔχωσιν spatio interiecto E T ει βόσκοισθε οἱ κέ σ' ἔχωσιν E^m βόσκοις σ' ἔχωσιν spatio interiecto L βόσκοις spatio relicto ρ βόσκεις (ss. οι) spatio relicto Γ (θύτας οἱ κέ σ' ἔχωσιν in lac. Γ²)

e Mileto também, e Cós, a cidade dos Méropes,
e Cnido insigne e a dos vendavais varrida Cárpatos,
e Naxos, Paros e Renéia sáxea; sítios todos,
45 por onde, pelo parto opressa, súplice vinha Leto
a ver se uma das terras o caro filho acolheria.
Estas, porém temiam e nenhuma, a tremer, se atrevia
a aceitar o Puro Apolo, por mais florente que fosse,
até que Leto augusta põe os pés em délio solo
50 e com aladas palavras a pergunta pronuncia;
“Quiseras, ó Delos, ser lar do filho meu,
o Puro Apolo, e de acolher aqui opimo templo?
Tocar-te não vai ninguém, nem honras te hão de dar;
tu rica de bois não serás, nem de carneiros belos;
55 em ti não brotarão searas, nem plantas profusas,
mas se tiveres um templo de Apolo asseteador,
trar-te-ão hecatombes as estirpes dos homens
quando aqui se agruparem, e infindo perfume à porfia
da banha de bois irá elevar-se, e poderás nutrir teus nativos

60 χειρὸς ἀπ' ἄλλοτρῆς, ἐπεὶ οὐ τοι πᾶρ ὑπ' οὔδας.

ώς φάτο· χαῖρε δὲ Δῆλος, ἀμειβομένη δὲ προσηύδα·
 Λητοῦ, κυδίστη θύγατερ μεγάλου Κοίοιο,
 ἀσπασίη κεν ἐγώ γε γονὴν ἔκάτοιο ἀνακτος
 δεξαίμην· αἰνῶς γάρ ἐτήτυμόν είμι δυσηχής
 65 ἀνδράσιν, ὡδε δέ κεν περιτιμήεσσα γενοίμην.
 ἄλλὰ τόδε τρομέω, Λητοῦ, ἔπος, οὐδέ σε κεύσω·
 λίην γάρ τινά φασιν ἀτάσθαλον Ἀπόλλωνα
 ἔσσεσθαι, μέγα δὲ πρυτανευσέμεν ἀθανάτοισι
 καὶ θνητοῖσι βροτοῖσιν ἐπὶ ζείδωρον ἄρουραν.
 70 τῷ δὲ αἰνῶς δείδοικα κατὰ φρένα καὶ κατὰ θυμὸν
 μὴ ὅπότ' ἀν τὸ πρῶτον ἔδη φάος ἡελίοιο,
 νῆσον ἀτιμήσας, ἐπεὶ δὲ κραναήπεδός είμι,
 ποσσὶ καταστρέψας ὥσει ἀλὸς ἐν πελάγεσσιν.
 ἐνθ' ἐμὲ μὲν μέγα κῦμα κατὰ κρατὸς ἄλις αἰεὶ
 75 κλύσσει, ὁ δὲ ἄλλην γαῖαν ἀφίξεται δὲ κεν ἀδη οἱ
 τεύξασθαι νηόν τε καὶ ἀλσεα δενδρήεντα·
 πουλύποδες δὲ ἐν ἐμοὶ θαλάμας φῶκαί τε μέλαιναι
 οίκια ποιήσονται ἀκηδέα χήτει λαῶν·
 ἄλλ' εἴ μοι τλαίης γε, θεὰ, μέγαν δρον δύμοσσαι,
 80 ἐνθάδε μιν πρῶτον τεύξειν περικαλλέα νηόν
 ἔμμεναι ἀνθρώπων χρηστήριον· αὐτὰρ ἐπειτα

* * *

πάντας ἐπ' ἀνθρώπους, ἐπεὶ δὲ πολυώνυμος ἔσται.

62. μεγάλου Κοίοιο Barnes: μεγάλοιο Κρόνοιο codd. μὲν Chalcondyles 63. κεν codd. recepit Wolf²: μὲν Chalcondyles 65. γενοίμην δὲ (Stephanus): γ' ἔροιμην Θ 71. ίδη D^o δὲ (Stephanus): ίδης Θ 72. ἀτιμήσας δὲ recepit Matthiae: ἀτιμήσω Θ (ss. η At D) ἀτιμήσῃ Chalcondyles | ἐπεὶ δὲ Allen¹: ἐπειή codd. 73. ὥσει Θ Chalcondyles, tuetur Marx « Rhein. Mus. » 1907, p. 620: ὥση δὲ (Stephanus, edd.) 74. ἄλις codd.: ἀλὸς Regenbogen « Eranos » 1956, p. 74 75. ἀδη οἱ Hermann: ἀδη οἱ At D Chalcondyles ἀδη οἱ ET ἀδη οἱ L ἀδη οἱ Π ἀδοιη δὲ ἀδης M ἀδη οἱ Stephanus 78. ἀκηδέα χήτει λαῶν M At D L Π: ἀκηδέα ἀχη τειλάων ET ἔκαστα τε φῦλα νεπούδων δὲ 81. post hunc versum lacunam statuit Hermann quam expleverunt τευξάσθω νηούς τε καὶ ἀλσεα δενδρήεντα Allen¹: ἄλλη τευξάσθω νηούς, καὶ οἱ κλέος εἰη Latacz « Rhein. Mus. » 1968, p. 375 82. ἐπεὶ δὲ Allen¹: ἐπειή J (Chalcondyles) ἐπειή δὲ Θ ἐπειή M | έσται M, recepit Franke: έστιν Ψ (έσται J³)



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

αύτὰρ ἐπεί ρ' ἵκανε θεῶν ἔδος αἰπὺν "Ολυμπον
 110 αὐτίκ' ὅρ' Εἰλείθυιαν ἀπὲκ μεγάροιο θύραζε
 ἐκπροκαλεσσαμένη ἐπεα πτερόεντα προσηύδα,
 πάντα μάλ' ως ἐπέτελλον 'Ολύμπια δώματ' ἔχουσαι.
 τῇ δ' ὅρα θυμὸν ἐπειθεν ἐνὶ στήθεσσι φίλοισι,
 βὰν δὲ ποσὶ τρήρωσι πελειάσιν θύμαθ' ὅμοῖαι.
 115 εὗτ' ἐπὶ Δήλου ἔβαινε μογοστόκος Εἰλείθυια,
 τὴν τότε δὴ τόκος εἶλε, μενοίνησεν δὲ τεκέσθαι.
 ἀμφὶ δὲ φοίνικι βάλε πήχεε, γοῦνα δ' ἔρεισε
 λειμῶνι μαλακῷ, μείδησε δὲ γαῖ' ὑπένερθεν.
 ἐκ δ' ἔθορε πρὸ φόωσδε, θεαὶ δ' ὀλόλυξαν ἀπασαι.
 120 ἔνθα σέ, ἥιε Φοῖβε, θεαὶ λόον ὕδατι καλῷ
 ἀγνῶς καὶ καθαρῷς, σπάρξαν δ' ἐν φάρεῃ λευκῷ,
 λεπτῷ, νηγατέω· περὶ δὲ χρύσεον στρόφον ἤκαν.
 οὐδ' ὅρ' 'Απόλλωνα χρυσάορα θήσατο μήτηρ,
 ἀλλὰ Θέμις νέκταρ τε καὶ ἀμβροσίην ἐρατεινὴν
 125 ἀθανάτησιν χερσὶν ἐπήρξατο· χαῖρε δὲ Λητώ
 οὕνεκα τοξοφόρον καὶ καρτερὸν υἱὸν ἔτικτεν.
 αύτὰρ ἐπεὶ δὴ, Φοῖβε, κατέβρως ἀμβροτὸν εἶδαρ,
 οὐ σέ γ' ἐπειτ' ἵσχον χρύσεοι στρόφοι ἀσπαίροντα,
 οὐδ' ἔτι δέσματ' ἔρυκε, λύοντο δὲ πείρατα πάντα.
 130 αὐτίκα δ' ἀθανάτησι μετηύδα Φοῖβος 'Απόλλων·
 εἴη μοι κίθαρίς τε φίλη καὶ καμπύλα τόξα,
 χρήσω δ' ἀνθρώποισι Διὸς νημερτέα βουλήν.
 ως εἰπὼν ἐβίβασκεν ἐπὶ χθονὸς εὔρυοδείης
 Φοῖβος ἀκερσεκόμης ἐκατηβόλος· αἱ δ' ὅρα πᾶσαι

110. ἀπὲκ (aut ἀπ' ἐκ) Ψ: ἀπὸ M, recepit Allen¹
 114. θύμαθ' M Γ^{2c} (Stephanus): θυμαθ' x Chalcondyles θυμαθ' ρ θυμαθ' At D Γ^{2a} 120. λόον Stephanus:
 λοῦον codd. 122. στρόφον Stephanus: στροφὸν codd. 125. ἐπήρξατο Ψ:
 ἐπώρξατο M 128. στρόφοι Stephanus: στροφοὶ codd. 129. οὐδ' ἔτι ρ
 (Barnes), Matthiae: οὐδέ τι MΘΓ Chalcondyles, Hermann | δέσματ' Barnes: δεσμά
 τ' MΘ δεσμά σ' ρ recepit Matthiae 130. ἀθανάτησι M ρ x, recepit Matthiae:
 ἀθανάτοισι At D Γ 132. δ' Wolf¹: τ' codd. 133. ἐπὶ Matthiae: ἀπὸ codd.

E quando chegou à estância divina, ao Olimpo elevado,
 110 súbito, para fora da grande sala, Iilitia
 à parte chamando, profere as palavras aladas;
 todas, quais ditado lhe haviam as deusas Olímpias,
 e no peito de Iilitia o coração persuade;
 e partiram, com passos símiles aos de tímidas pombas.

115 No instante em que Iilitia, que promove os partos, põe os pés
 em délio solo, o anseio do parto de Leto então se apossta:
 em torno à palma enlaça os braços, apóia os joelhos
 na relva macia e, sob ela, sorri a terra jubilosa;
 para a luz o deus salta e as deusas ululam em uníssono.

120 Então, fúlgido Febo, em límpida água banharam-te as divas,
 num rito puro e santo, e te envolveram em níveo manto,
 novo e delicado; e com áureas faixas te cingiram.
 A Apolo de áurea espada, Leto o leite não lhe deu,
 Têmis, porém, o néctar e a amável ambrosia

125 com mãos imortais lhe ofertou; alegra-se a augusta Leto
 de haver gerado o filho forte, e portador do arco.
 Mas depois, Febo, que consumiste o imortal alimento,
 áureos adornos não mais te retinham, tanto te agitavas;
 os nastros não mais te impediam: os laços romperam-se todos.

130 Súbito, o Puro Apolo aos imortais então profere:
 “Que eu possua a cítara e o arco flexível;
 da infalível vontade de Zeus, vate serei para os homens”.
 Disse, e sobre a Terra de amplas vias, a grandes passos partia
 Febo de intonsos cabelos, o infalível frecheiro. Todas

135 θάμβεον ἀθάναται, χρυσῷ δ' ἄρα Δῆλος ἅπασα
βεβρίθει, καθορῶσα Διὸς Λητοῦς τε γενέθλην,
γηθοσύνη δτι μιν θεὸς εἶλετο οἰκία θέσθαι
138 νήσων ἡπείρου τε, φίλησε δὲ κηρόθι μᾶλλον.
140 αὐτὸς δ' ἀργυρότοξε, ἀναξ ἐκατηβόλ' "Απολλον,
ἄλλοτε μέν τ' ἐπὶ Κύνθου ἐβήσαο παιπαλόεντος,
ἄλλοτε δ' αὖ νήσους τε καὶ ἀνέρας ἡλάσκαζες.
πολλοί τοι νηοί τε καὶ ἄλσεα δενδρήεντα,
πᾶσαι δὲ σκοπιαί τε φίλαι καὶ πρώονες ἄκροι
145 ὑψηλῶν ὁρέων, ποταμοί θ' ἀλαδε προρέοντες·
ἄλλὰ σὺ Δήλῳ Φοῖβε μάλιστ' ἐπιτέρπεαι ήτορ,
ἔνθα τοι ἐλκεχίτωνες 'Ιάονες ἡγερέθονται
αὐτοῖς σὺν παίδεσσι καὶ αἰδοίης ἀλόχοισιν.
οἱ δέ σε πυγμαχίῃ τε καὶ δρυγηθμῷ καὶ ἀοιδῇ
150 μνησάμενοι τέρπουσιν δταν στήσωνται ἀγῶνα.
φαίη κ' ἀθανάτους καὶ ἀγήρως ἔμμεναι αἰεὶ

135 θάμβεον ἀθάναται, χρυσῷ δ' ἄρα Δῆλος ἅπασα
139 ἥνθησ' ὡς δτε τε βίον οὔρεος ἀνθεσιν ὕλης

146a ἄλλοτε Δήλῳ, Φοῖβε, μάλιστά γε θυμὸν ἐτέρφθης
ἔνθα τοι ἐλκεχίτωνες 'Ιάονες ἡγερέθονται
σὺν σφοῖσιν τεκέεσσι γυναιξὶ τε σὴν ἐς ἀγυιάν·
ἔνθα σε πυγμαχίῃ τε καὶ δρυγηστυῖ καὶ ἀοιδῇ
150 μνησάμενοι τέρπουσιν δταν καθέσσωσιν ἀγῶνα.

136-8 omittunt codd. plerique: habent in marg. E T L, in textu II, nota in omnibus apposita instar antisigmatis: edidit Chalcondyles qui praeterea, ut Breuning patefecit, eos adiecit in marg. cod. D 139. δτε τε βίον M p, recepit Hermann: δτε τε βίον x δτε βίον At D δτε βίον Chalcondyles δτε τι βίον Barnes 140. ita interpusxit Mattheiae, cfr. Peppmüller « Philologus » 1884, p. 199 142. αὖ codd.: ἀν (scil. ἀνά) D'Orville, Ilgen | νήσους codd.: νηοὺς Baumeister 146a-50a. laudat Thuc. III 104 146. ἐπιτέρπεαι Ψ: ἐπιτέρπεο M 146a. ἄλλοτε Camerarius: ἀλλ' δτε codd. | μάλιστά γε codd.: μάλιστ' ἐπι Cobet 148. αὐτοῖς σὺν codd.: αὐτοῖσιν Hermann αὐτοὶ σὺν Gemoll 151. ἀθανάτους Ψ: ἀθάνατος M (Martin, p. 184, tacite) | αἰεὶ M p x^m, praetulit Ruhnkenius: ἀνήρ Θ

135 as divas deslumbravam-se, Delos inteira de ouro¹
 se cobria, ao contemplar embevecida de Zeus e Leto
 o ilustre filho, pois Apolo preferiu habitá-la
 138 dentre as terras e ilhas, e no imo peito o deus amou-a.
 140 Tu, soberano do arco de prata, Apolo frecheiro,
 às vezes sobre o Cinto rochoso caminhas,
 às vezes entre as ilhas e os homens vagueias;
 muitos templos possuis e sacros lucos nemorosos,
 caras te são todas as alturas, os cumes excelsos
 145 de altos montes e os rios que no ponto prorrompem.
 Mas tu, Febo, é em Delos mesmo que no imo rejubilas,²
 quando por ti se ajuntam os jônios de longas túnicas
 com os seus filhos e as esposas virtuosas;
 eles, com lutas, danças e cantos te alegram,
 150 ao lembrarem-se de ti, quando ludos celebram.
 Diria serem imortais e sempre imunes à velhice

135 ¹as deusas deslumbravam-se, Delos inteira de ouro
 139 floriu, qual cimo da serra com as flores da floresta.

146a ²Mas quando em Delos, Febo, no imo te alegras,
 então se ajuntam os jônios de túnicas longas
 com suas mulheres e filhos, sobre tua sacra via;
 onde, com lutas, danças e cantos te alegram,
 150a ao lembrarem-se de ti, quando o torneio encetam.

δις τότ' ἐπαντιάσει' δτ' 'Ιάονες ἀθρόοι εἰεν·
πάντων γάρ κεν ἴδοιτο χάριν, τέρψαιτο δὲ θυμὸν
ἀνδρας τ' εἰσορόων καλλιζώνους τε γυναικας
155 νῆστος τ' ὠκείας ἥδ' αὐτῶν κτήματα πολλά.
πρὸς δὲ τόδε μέγα θαῦμα, δου κλέος οὕποτ' ὀλεῖται,
κοῦραι Δηλιάδες 'Εκαπηβελέταο θεράπτναι·
αἱ τ' ἐπεὶ ἀρ πρῶτον μὲν 'Απόλλων' ὑμνήσωσιν,
160 αὗτις δ' αὖ Λητώ τε καὶ "Αρτεμιν ἰοχέαιραν,
μνησάμεναι ἀνδρῶν τε παλαιῶν ἥδε γυναικῶν
ὑμνον ἀείδουσιν, θέλγουσι δὲ φῦλ' ἀνθρώπων.
πάντων δ' ἀνθρώπων φωνὰς καὶ βαμβαλιαστὸν
μιμεῖσθαι ἵσασιν· φαίη δέ κεν αὐτὸς ἔκαστος
φθέγγεσθ'. οὕτω σφιν καλὴ συνάρηρεν ἀοιδή.
165 ἀλλ' ἄγεθ' Ἰλήκοι μὲν 'Απόλλων 'Αρτέμιδι ξύν,
χαίρετε δ' ὑμεῖς πᾶσαι· ἐμεῖο δὲ καὶ μετόπισθε
μνήσασθ', δππότε κέν τις ἐπιχθονίων ἀνθρώπων
ἐνθάδ' ἀνείρηται ξεῖνος ταλαπείριος ἐλθών·
ῶ κοῦραι, τίς δ' ὑμμιν ἀνήρ ἥδιστος ἀοιδῶν
170 ἐνθάδε πωλεῖται, καὶ τέω τέρπεσθε μάλιστα;
ὑμεῖς δ' εὖ μάλα πᾶσαι ὑποκρίνασθ' εὐφήμως·
τυφλὸς ἀνήρ, οἴκεῖ δὲ Χίω ἐνι παιπαλοέσση,
τοῦ πᾶσαι μετόπισθεν ἀριστεύουσιν ἀοιδαί.
ἡμεῖς δ' ὑμέτερον κλέος οἴσομεν δσσον ἐπ' αἶν

152. δις τότ' ἐπαντιάσει' δτ' Ilgen: οἱ τότ' ἐπ' ἀντιάσι τ' M οἱ τότ' ἐπαντιάσι τοι τ' Θ οἱ δη τότ' ἐπαντιάσι τοι τ' p δις τότ' ἐπαντιάσει δτ' Martin, p. 184 (ἀπαντιάσει Barnes) 156. δου ET B C Γ (Barnes coll. II. II 325): θ' οὐ M δ οὐ (οὐ, οὐ) cet. 157. Δηλιάδες M (Chalcondyles): δηλιάδες δ' Ψ 159. αὗτις ΜΘ: αὗθις p 162. βαμβαλιαστὸν ET, praetulit Wilamowitz *Ilias*, p. 450, 4: κρεμβαλιαστὸν (-σὺν, -στήν) cet. βαμ corr. Γ² et totum verbum in marg. adscripsit βαμ ss. L Π 163. μιμεῖσθαι codd., tuetur Wilamowitz *Ilias*, p. 450, 3: μιμεῖσθ' Barnes, edd. 165-72. laudat Thuc. III 104 (169-72 Aristides XXXIV 35) 165. ἀλλ' ἄγεθ' Ἰλήκοι μὲν Thuc. praetulit Norrmann in Aristid.: ἀλλά γε Λητώ μὲν καὶ M ἀλλ' ἄγε δη Λητώ μὲν Ψ 168. ita codd.: ταλαπείριος ἀλλος ἐπελθών Thuc. 171. ὑποκρίνασθ' Ruhnkenius: ὑποκρίνασθε Ψ ὑποκρίνεσθ' M ὑποκρίνασθαι Thuc. | εὐφήμως Thuc. codd. H^{1c} F^{2c} J^{3c}, praetulit Ruhnkenius: ἀφήμως Thuc. vulgo ἀφ' ὑμῶν p, Aristid. (sed * * φ * * ως scil. εὐφήμως R¹: ἀφ' ἡμῶν R²) ἀφ' ὑμέων ET ἀφ' ἡμέων cet. ἀμφ' ἡμέων Marx «Rhein. Mus.» 1907, p. 620 172. ἐν ΑQ Matthiae: ἐν Ε ἐνι cet. 173. ἀριστεύουσιν codd.: ἀριστεύουσιν Barnes 174. ὑμέτερον M p (Ernesti): ἡμέτερον Θ



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

175 vagar pelas urbes habitadas dos mortais;
 e eles hão de acreditar, pois é fama veraz.
 E eu não cessarei de hinear Apolo arco de prata,
 que Leto de lindas melenas à luz o enviou.

* * *

Ó soberano, a Lícia, a amável Meônia
 180 e Mileto possuis, atraente pólis praiana;
 Tu, que tens o supremo poder na equórea Delos.
 Avança o filho da gloriosa Leto, tangendo
 a cava lira rumo a pétreia Pito,
 com odorosas vestes imortais; e sua lira,
 185 sob o áureo plectro, tem um som que desperta desejo.
 Em seguida, da terra ao Olimpo, qual pensamento,
 ao palácio de Zeus ele vai, com outros numes reunir-se;
 e logo por cítara e canto anseiam os deuses imortais.
 Respondendo-lhe com linda voz, as musas, concordes,
 190 cantam eternos dons dos deuses e as desventuras
 dos mortais, que os divos sempre-vivos lhes enviam,
 ao viverem como insensatos e impotentes; incapazes de
 encontrar antídoto para a morte, e amparo à velhice.
 Porém as Graças de lindas tranças e as Horas propícias,
 195 Harmonia, Hebe e a filha de Zeus, Afrodite,
 de mãos dadas se põem todas a dançar.
 Canta entre elas, não sem encanto ou estatura,
 Mas à vista muito imponente, preclara figura,
 a sagitífera Ártemis, junto de Apolo nutrida.
 200 Entre elas, Ares e o vigilante Argifonte
 dançam, enquanto o Puro Apolo a lira pulsa,

χαλὰ καὶ ὅψι βιβάς, αἴγλη δέ μιν ἀμφὶ φαεινή,
μαρμαρυγαῖ τε ποδῶν καὶ ἔυκλώστοιο χιτῶνος.
οἱ δ' ἐπιτέρπονται θυμὸν μέγαν εἰσορόωντες
205 Λητώ τε χρυσοπλόκαμος καὶ μητίετα Ζεὺς
υῖα φίλον παίζοντα μετ' ἀθανάτοισι θεοῖσι.
πῶς τ' ἄρ σ' ὑμνήσω πάντως εὔυμνον ἔόντα;
ἢ σ' ἐνὶ μνηστῆσιν ἀείδω καὶ φιλότητι,
ὅππως μνωόμενος ἔχιες Ἀζαντίδα κούρην,
210 "Ισχυ" ἄμ' ἀντιθέω Ἐλατιονίδη εὐίππω;
ἢ ἄμα Φόρβαντι, Τριοπέω γένος, ἢ ἄμ' Ἐρεχθεῖ,
ἢ ἄμα Λευκίππω καὶ Λευκίπποιο δάμαρτι

* * *

πεζός, δ' δ' ἵπποισιν· οὐ μὴν Τρίοπός γ' ἐνέλειπεν.
ἢ ως τὸ πρῶτον χρηστήριον ἀνθρώποισι
215 ζητεύων κατὰ γαῖαν ἔβης, ἐκατηβόλ' Ἀπολλον;
Πιερίην μὲν πρῶτον ἀπ' Οὐλύμποιο κατῆλθες·
Λέκτον τ' ἡμαθόεντα παρέστιχες ἡδ' Αἰνιῆνας
καὶ διὰ Περραιβούς· τάχα δ' εἰς Ἰαωλκὸν ἴκανες,
Κηναίου τ' ἐπέβης ναυσικλειτῆς Εύβοίης·
220 στῆς δ' ἐπὶ Ληλάντῳ πεδίῳ, τό τοι οὐχ ἀδε θυμῷ
τεύξασθαι νηόν τε καὶ ἀλσεα δενδρήεντα.
Ἐνθεν δ' Εύριπον διαβάς, ἐκατηβόλ' Ἀπολλον,

202. ἀμφὶ φαεινή τεσσερὶ εχ ἀμφὶ φαείνει καὶ ss. vel adscr. ἡ scil. φαεινή: ἀμφὶφαείνει M At D p (ἀμφιφαείνη V: ἀμφὶ φαείνη Q: ἡ P^{se}: γρ. φαεινή Γ^{1m}) Chalcondyles ἀμφὶ φαείνει Barnes 208. μνηστῆσιν codd. praeter E, restituit Bothe: μνηστῆροιν E (Giphanius) 209. ὅππως Wolf^{se}: ὅππόσ Ψ ως ποτε Martin ὅππόταν M ὅππότ Hermann | μνωόμενος Martin, p. 213: μνωόμενος Ψ ίέμενος M ἀγαιόμενος Hermann | Ἀζαντίδα Ψ: Ἀζαντίδα Martin ἀτλαντίδα M 210. Ἐλατιονίδη B E T (Chalcondyles): ἐλατινιονίδη Ψ plerique ἐλατινονίδη M 211. om. At p | Τριοπέω Allen Sikes: τριόπω Dx τριοπόω L^m Π^m τριοπῶ M Τριόπεω Ilgen | ἄμ' Ἐρεχθεῖ M (Barnes): ἄμ' ἐρευθεῖ Ψ ἀμαρύνθω L^m Π^m, praetulit Schneidewin 213. ἐνέλειπεν Α Q (Stephanus): ἐνέλειπεν Ψ ἐλέλιψεν M 214. ἡ codd.: ἡ Forderer | ως M At D Π p: καὶ E T L 216. Πιερίην Ruhnkenius: πιερίης Θ πιερίη p ιετρίην M 217. ἡμαθόεντα codd.: Ἡμαθίην τε Matthiae | ἡδ' Αἰνιῆνας Fick «Bezz. Beitr.» 1890, p. 27: ἡδ' ἀγνιήνας M ἡδ' Ἐνιῆνας Matthiae ἡ μαγνηίδας At D L Π p ἡ μαγνιήνας E T L^m Π^m ἡ Μαγνητας Barnes 218. Ἰαωλκὸν Barnes: Ιωλκὸν Ψ Ιολκὸν M 220. οὐχ ἀδε Chalcondyles: οὐχ ἀδε Π οὐχάδε cet.

com passadas altas, gráceis, se movendo; à sua volta,
 flâmeo fulgor: fulgem-lhe os pés e a túnica impecável.
 Leto de tranças áureas e Zeus sagaz
 205 alegram o nobre coração ao contemplarem
 o caro filho a dançar entre os deuses imortais.
 Como hei de celebrar-te, a ti, que louvam tantos hinos?
 Devo cantar-te em tuas conquistas, em teus amores,
 como vieste a cortejar a Azântida donzela:
 210 junto com Ísquis, filho do teossímil Elato, hábil eqüite?
 ou junto com Forbas, da tribo de Tríops, ou com Erecteu?
 ou com Leucipo, ou com a esposa de Leucipo...

* * *

Tu, a pé, e ele sobre o plaustro? Porém, a Tríops em nada cedia.
 Ou devo cantar como à terra baixaste em busca
 215 do primeiro oráculo aos homens, ó Apolo asseteador?
 Do Olimpo à Piéria primeiro então vieste,
 passaste diante do arenoso Lecto e de Ênia,
 e através da Perébia, logo a Iolcos chegaste,
 e sobre o Céneon pisaste, na Eubéia afamada por sua frota;
 220 paraste no plaino de Lelantos, que ao imo teu não aprouve
 para erguer o teu templo e o bosque venerável.
 De lá, Apolo asseteador, o Eurípo transpondo,

βῆς ἀν' δρος ζάθεον χλωρόν· τάχα δ' ίξες ἀπ' αὐτοῦ
ἔς Μυκαλησσὸν ίών καὶ Τευμησσὸν λεχεποίην.

225 Θήβης δ' εἰσαφίκανες ἔδος καταειμένον ὕλη·
οὐ γάρ πώ τις ἔναιε βροτῶν ίερῇ ἐνὶ Θήβῃ,
οὐδ' ἄρα πω τότε γ' ἡσαν ἀταρπιτοὶ οὐδὲ κέλευθοι
Θήβης ἅμ πεδίον πυρηφόρον, ἀλλ' ἔχεν ὕλη.

ἔνθεν δὲ προτέρω ἔκιες, ἑκατηβόλ' "Απολλον,

230 'Ογχηστὸν δ' ίξες Ποσιδήϊον ἀγλαὸν ὕλσος·
ἔνθα νεοδμῆς πῶλος ἀναπνέει ἀχθόμενός περ
ἔλκων ἄρματα καλά, χαμαὶ δ' ἐλατήρ ἀγαθός περ
ἔκ δίφροι θορῶν ὁδὸν ἔρχεται· οἱ δὲ τέως μὲν
κείν' δχεα κροτέουσιν ἀνακτορίην ἀφιέντες.

235 εἰ δέ κεν ἄρματ' ἀγῆσιν ἐν ὕλσει δενδρήεντι,
ἴππους μὲν κομέουσι, τὰ δὲ κλίναντες ἔωσιν·
ῶς γὰρ τὰ πρώτισθ' ὁσίη γένεθ· οἱ δὲ ἀνακτι
εύχονται, δίφρον δὲ θεοῦ τότε μοῖρα φυλάσσει.

ἔνθεν δὲ προτέρω ἔκιες, ἑκατηβόλ' "Απολλον.

240 Κηφισὸν δ' ἄρ' ἔπειτα κιχήσαο καλλιρέεθρον,
ὅς τε Λιλαίηθεν προχέει καλλίρροον ὕδωρ·
τὸν διαβάς 'Εκάεργε καὶ 'Ωκαλέην πολύπυργον
ἔνθεν ἄρ' εἰς 'Αλίαρτον ἀφίκεο ποιήεντα.

βῆς δ' ἐπὶ Τελφούσης· τόθι τοι ἄδε χῶρος ἀπήμων

245 τεύξασθαι νηόν τε καὶ ὕλσεα δενδρήεντα.
στῆς δὲ μάλ' ἄγχ' αὐτῆς καὶ μιν πρὸς μῆθον ἔειπες·

Τελφοῦσ' ἐνθάδε δὴ φρονέω περικαλλέα νηόν
ἀνθρώπων τεύξαι χρηστήριον, οὐ τέ μοι αἰεὶ^{223.}
ἐνθάδ' ἀγινήσουσι τεληέσσας ἑκατόμβας,

223. ἀπ' M (Chalcondyles): ἐπ' Ψ 228. ὕλη Barnes: ὕλην codd. 230.
'Ογχηστὸν M (Barnes), cfr. IV 186 et 190: δγχηστὸν Ψ | ίξες Chalcondyles: ίξες
M ίξες p x Ιξες At D 232. om. MB 233. οἱ δὲ p Chalcondyles: οὐδὲ
M Θ 235. ἀγῆσιν Cobet: ἀγησιν codd. ἀγωσιν Barnes in v.l. 243. ἀλιορ-
τον Γ²²⁴ (Casaubonus; Martin, p. 138): ἀμαρτον codd. (ἀμ- M Γ) 244. Τελφού-
σης Baumeister: δελφούσης codd. (τ Γ²²⁵) Τελφούσης Matthiae | τοι M Γ²²⁶ (Chal-
condyles): οἱ Ψ | δᾶς cod. Monacensis, Aldina¹: δᾶς p δᾶς M Θ 247. Τελφοῦσ' M,
recepit Baumeister: δελφοῦσ' Ψ (cfr. 244) 249. ἐνθάδ' Ψ: πολλοι M

vidente sacro monte subiste, e deste presto partiste
 para ir a Micalessô e a Teumesso, leito de ervas espessas,
 225 e chegaste à terra de Tebas, coberta de florestas,
 pois nenhum dos mortais inda habitava a santa Tebas,
 nem, até então, trilhas e sendas havia
 sobre o fértil plaino de Tebas: somente floresta.
 De lá, Apolo longe-atuante, foste mais adiante,
 230 e chegaste a Onquesto, esplêndido luco a Posídon dicado:
 ali, poldro recém-domado, opreso pelo fardo, resfolga
 ao puxar o belo plaustro; e o auriga perito, ao solo
 saltando, a pé sua senda prossegue, enquanto os corcéis,
 libertos de líder, o plaustro vazio fazem soar.
 235 Se o plaustro se rompe no luco sagrado,
 deixam-no inclinado e cuidam dos cavalos;
 desde o princípio, assim cumpriu-se o rito: ao soberano
 imprecam; e a moira do deus então protege o plaustro.
 De lá, Apolo asseteador, foste mais adiante,
 240 e logo atingiste a formosa torrente Cefísea,
 que linfa de lindo fluxo verte de Lilaia;
 atravessando-a, arqueiro, e ainda a torrígêna Ocaléa,
 daí a herbífera Haliarto então chegaste.
 Em Telfúsio piso pisaste e te aprovou a plácida paragem
 245 para erguer o teu templo e o bosque inviolável;
 bem perto dela estacaste e destarte lhe disseste:
 “Telfusa, esplêndido templo aqui pretendo
 erigir, um oráculo para os homens, que sem cessar
 aqui virão me ofertar perfeitas hecatombes



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Τελφούση κλέος εἴη ἐπὶ χθονὶ μηδ' Ἐκάτοιο.
 ἔνθεν δὲ προτέρω ἔκιες ἑκατηβόλ' Ἀπολλον,
 Ιξες δ' ἐς Φλεγύων ἀνδρῶν πόλιν ὑβριστάων,
 οἱ Διὸς οὐκ ἀλέγοντες ἐπὶ χθονὶ ναιετάσκον
 280 ἐν καλῇ βήσσῃ Κηφισίδος ἐγγύθι λίμνης.
 ἔνθεν καρπαλίμως προσέβης πρὸς δειράδα θύων,
 ἵκεο δ' ἐς Κρίσην ὑπὸ Παρνησὸν νιφόεντα
 κνημὸν πρὸς Ζέφυρον τετραμμένον, αὐτὰρ ὑπερθεν
 πέτρη ἐπικρέμαται, κοίλη δ' ὑποδέδρομε βῆσσα
 285 τρηχεῖ· ἔνθα ἀναξ τεκμήρατο Φοῖβος Ἀπόλλων
 νηὸν ποιήσασθαι ἐπήρατον εἶπε τε μῦθον.
 ἔνθάδε δὴ φρονέω τεῦξαι περικαλλέα νηὸν
 ἔμμεναι ἀνθρώποις χρηστήριον οἱ τέ μοι αἰεὶ
 ἔνθαδ' ἀγινήσουσι τεληέσσας ἑκατόμβας,
 290 ἡμὲν δοι Πελοπόννησον πίειραν ἔχουσιν,
 ἡδ' δοι Εύρωπην τε καὶ ἀμφιρύτους κατὰ νήσους,
 χρησόμενοι· τοῖσιν δ' ἀν ἐγὼ νημερτέα βουλὴν
 πᾶσι θεμιστεύοιμι χρέων ἐνὶ πίονι νηῷ.
 ὅς εἰπὼν διέθηκε θεμελια Φοῖβος Ἀπόλλων
 295 εύρεα καὶ μάλα μακρὰ διηνεκές· αὐτὰρ ἐπ' αὐτοῖς
 λάινον οὐδὸν ἔθηκε Τροφώνιος ἡδ' Ἀγαμήδης
 σίέες Ἐργίνου, φίλοι ἀθανάτοισι θεοῖσιν·
 ἀμφὶ δὲ νηὸν ἔνασσαν ἀθέσφατα φῦλ' ἀνθρώπων
 κτιστοῖσιν λάεσσιν ἀοίδιμον ἔμμεναι αἰεὶ.
 300 ἀγχοῦ δὲ κρήνη καλλίρροος ἔνθα δράκαιναν
 κτεῖνεν ἀναξ Διὸς υἱὸς ἀπὸ κρατεροῦ βιοῦ

276. Τελφούση M, recepit Baumeister: δελφούση Ψ (τ L^{ss}), cfr. 244 et 247
 Ιξες Chalcondyles: Ιξες M Ιξες Ψ 281. θύων codd.: θείων Hermann 282.
 Κρίσην M, recepit Wolf²: κρίσην Ψ 283. κνημὸν M (Barnes): κνῆμον Ψ
 284. ἐπικρέμαται M p (Ernesti): ὑποκρέμαται Θ 287. τεῦξαι Abel (cfr. 245 et
 258): τεῦξειν codd. 291. ἡδ' δοι M At D p (Aldina¹): οἰδ' δοι x Chalcon-
 dyles | ἀμφιρύτους codd.: ἀμφιρύτας Barnes coll. 251 292. τοῖσιν At D p T^o
 (Barnes): τοῖσι M Γ τῆσιν x Chalcondyles | ἀν Ψ: ἀρ' M, recepit Allen¹ 293.
 θεμιστεύοιμι M (Clarke): θεμιστεύσοιμι Ψ | νηῷ M Θ: βωμῶ p (νηῶ P^{ss} V^{ss})
 295. μακρὰ Ψ: καλὰ M | διηνεκές M, recepit Matthiae: διαμπερὲς Ψ 297.
 υἱές Ἐργίνου Chalcondyles: υἱές σεργίνου codd. 299. κτιστοῖσιν x: κτιστοῖσι
 cet. ξεστοῖσιν Ernesti τυχτοῖσιν Allen¹

só fosse a fama sobre a terra, e não do arqueiro.
De lá, Apolo asseteador, prosseguiste adiante,
e chegaste à cidade dos sacrílegos Flégios
que vivem sobre a terra a Zeus indiferentes,
280 em um formoso vale junto ao lago Cefiso.
Daí, com salto impetuoso, logo a serra atingiste,
e depois a Crisa então chegaste, ocídua colina,
ao sopé do Parnaso nivoso. Sobre essa serra
pende uma penha, embaixo vale profundo se estende,
285 escabroso. Aí, decidiu Febo Apolo soberano
erguer seu templo primoroso; e assim falou:
“aqui erguer pretendo o meu faustoso templo
para ser o oráculo dos homens que sempre
aqui virão me ofertar perfeitas hecatombes
290 – tanto os que habitam o Peloponeso feraz,
quanto os que habitam a Europa e as ilhas equóreas –
para sondar o oráculo. A todos o meu conselho infalível
irei proclamar, vaticinando no templo opulento”.
Assim dizendo, o Puro Apolo a base instaura,
295 ampla, contínua e compacta. Sobre ela
ergueram pétreo portal Trofônio e Agamedes,
filhos de Ergino, caros aos deuses imortais.
Em torno, incontáveis estirpes um templo erigiram
com sólidas pedras, para sempre ser em canções celebrado.
300 Lá, perto da fonte de lindo fluxo, Apolo, rei Dial,
com seu possante arco uma serpe exterminou,

ζατρεφέα μεγάλην, τέρας ἄγριον, ἦ κακὰ πολλὰ
 ἀνθρώπους ἔρδεσκεν ἐπὶ χθονί, πολλὰ μὲν αὐτοὺς
 πολλὰ δὲ μῆλα ταναύποδ', ἐπεὶ πέλε πῆμα δαφοινόν.
 305 καὶ ποτε δεξαμένη χρυσοθρόνου ἔτρεφεν "Ηρης
 δεινόν τ' ἀργαλέον τε Τυφάονα πῆμα βροτοῖσιν,
 δν ποτ' ἄρ' "Ηρη ἔτικτε χολωσαμένη Διὶ πατρὶ¹
 ἦνίκ' ἄρα Κρονίδης ἔρικυδέα γείνατ' Ἀθήνην
 ἐν χορυφῇ· ἥ δ' αἴψα χολώσατο πότνια "Ηρη
 310 ἡδὲ καὶ ἀγρομένοισι μετ' ἀθανάτοισιν ἔειπε·

κέκλυτέ μεν πάντες τε θεοὶ πᾶσαι τε θέαιναι,
 ώς ἔμ' ἀτιμάζειν ἄρχει νεφεληγερέτα Ζεὺς
 πρῶτος, ἐπεὶ μ' ἀλοχον ποιήσατο κέδν' εἰδυῖαν.
 καὶ νῦν νόσφιν ἔμετο τέκε γλαυκῶπιν Ἀθήνην,
 315 ἥ πᾶσιν μακάρεσσι μεταπρέπει ἀθανάτοισιν.
 αὐτὰρ δ' γ' ἡπεδανὸς γέγονεν μετὰ πᾶσι θεοῖσι
 παῖς ἔμὸς "Ηφαιστος ρίκνὸς πόδας δν τέκον αὐτή·
 βίψ' ἀνὰ χερσὶν ἐλοῦσα καὶ ἔμβαλον εὔρεῖ πόντῳ·
 ἀλλά εἰ Νηρῆος θυγάτηρ Θέτις ἀργυρόπεζα
 320 δέξατο καὶ μετὰ ἥσι κασιγνήτησι κόμισσεν.
 ώς δφελ' ἀλλο θεοῖσι χαρίσσασθαι μακάρεσσι.
 σχέτλιε, ποικιλομῆτα, τί νῦν ἔτι μήσεαι ἀλλο;
 πῶς ἔτλης οἶος τεκέειν γλαυκώπιδ' Ἀθήνην;
 οὐκ ἀν ἐγὼ τεκδμην; καὶ σὴ κεκλημένη ἔμπης
 325 ἦν ἄρ' ἐν ἀθανάτοισιν οἱ οὐρανὸν εύρὺν ἔχουσι.
 329. φράζεο νῦν μή τοι τι κακὸν μητίσομ' ὀπίσσω·

303. ἔρδεσκεν Μ Θ: ἔρδεσκεν ρ (Stephanus) 306. τυφάονα ρ Chalcondyles: τυφλὸν Θ τυφλὸν τε Μ 308. ἦνίκ' ἄρα Ruhnkenius: ἦνεκ' ἄρα Μ εἰνεκ' ἄρα Pfeiffer, *Callimachus* fr. 1,3 εὗτ' ἄρα δὴ Ψ 309. ἐν χορυφῇ codd. sed ἐκ χορυφῆ Γ (σ add. Γ²): ἐκ χορυφῆς Barnes in v.l. 317. δν τέκον codd.: δν τέ κεν Barnes δν γε μὲν Ruhnkenius δν τέ ποτ' Gemoll | post hunc versum lacunam statuit Chalcondyles 318. βίψ' ἀνὰ codd. (δὲ Γ²): βίψα δὲ Abel | ἔμβαλον Μ (Chalcondyles): ἔμβαλεν Ψ 320. κόμισσεν Stephanus: κόμισεν codd. 321. χαρίσσασθαι Allen¹: χαρίσσασθαι Μ, praetulit Hollander *Überlieferung*, p. 23 χαρίζεσσασθαι Ψ 322. ἔτι μήσεαι ρ Chalcondyles (cfr. Od. XI 474): μήσεαι Θ μητίσεαι Μ, rec. Abel, Gemoll (cfr. 325a) 323. γλαυκώπιδ' codd.: γλαυκῶπιν Abel (cfr. 314) 325. ἦν ἄρ' ἐν Chalcondyles: ἦ (ἥ, ἥ) δ' ἐν codd. ἥσα ρ' ἐν Matthiae 325a. habet in marg. x, om. cet. | μή τοι τι Schneidewin: μήτι τοι x (om. τοι E)

cobra-criada, fero monstro ingente, que nímios males
sobre a terra aos homens causava; muitos a eles
e às greis de finas patas: ferino flagelo!

305 Um dia, das mãos de Hera auritrônia, ela acolheu e criou
o tetro e tremendo Tífon, mortífero flagelo;
que Hera um dia gerou, ao agastar-se com Zeus pai,
quando o filho de Cronos, do próprio crânio, fez nascer
Atena gloriosa; súbito enfeza a augusta Hera,

310 e entre os numes reunidos assim protesta:
“Escutai-me vós todos, divos e divas,
como Zeus ajunta-nuvens começa a desonrar-me
primeiro, após ter em mim encontrado a esposa exemplar;
mesmo assim, sozinho, gerou Atena de rútilos olhos,

315 que detém o destaque entre os deuses ditosos;
no entanto, entre os numes todos, egro meu filho nasceu,
Hefesto, dos pés-disformes, que eu mesma gerei:
com minhas mãos agarrando-o, no pélago amplo o lancei,
mas a filha de Nereu, Tétis dos pés-de-prata,

320 acolheu-o e com as irmãs o cercou de cuidados.
Aos deuses ditosos antes desse outro agrado!

Perverso! Multiardiloso! O que mais tencionas tramar?
Como ousaste Atena de rútilos olhos sozinho gerar?
Pari-la eu não poderia? E no entanto, eu era chamada de tua
325 esposa entre os imortais que habitam o amplo Céu.

325a Toma cuidado! Que um mal contra ti mais tarde não trame!



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

δεινόν τ' ἀργαλέον τε Τυφάονα πῆμα βροτοῖσιν.
 αὐτίκα τόνδε λαβοῦσα βοῶπις πότνια "Ηρη
 δῶκεν ἔπειτα φέρουσα κακῷ κακόν, ἡ δ' ὑπέδεκτο·
 355 δις κακὰ πόλλα' ἔρδεσκε κατὰ κλυτὰ φῦλ' ἀνθρώπων.
 δις τῇ γ' ἀντιάσειε, φέρεσκέ μιν αἴσιμον ἥμαρ
 πρὶν γέ οἱ ἵδν ἐφῆκεν δναξ ἐκάεργος Ἀπόλλων
 καρτερόν· ἡ δ' ὁδύνησιν ἐρεχθιομένη χαλεπῆσι
 κεῖτο μέγ' ἀσθμαίνουσα κυλινδομένη κατὰ χῶρον.
 360 θεσπεσίη δ' ἐνοπὴ γένετ' ἀσπετος, ἡ δὲ καθ' ὅλην
 πυκνὰ μάλ' ἐνθα καὶ ἐνθα ἐλίσσετο, λεῖπε δὲ θυμὸν
 φοινὸν ἀποπνείουσ', ὁ δ' ἐπηύξατο Φοῖβος Ἀπόλλων·
 ἐνταυθοῖ νῦν πύθευ ἐπὶ χθονὶ βωτιανείρῃ,
 οὐδὲ σὺ γε ζωοῖσι κακὸν δήλημα βροτοῖσιν
 365 ἔσσεαι, οἱ γαίης πολυφόρβου καρπὸν ἔδοντες
 ἐνθάδ' ἀγινήσουσι τεληέσσας ἐκατόμβας,
 οὐδέ τι τοι θάνατόν γε δυσηλεγέ' οὔτε Τυφωεὺς
 ἀρκέσει οὐδὲ Χίμαιρα δυσώνυμος, ἀλλὰ σέ γ' αὐτοῦ
 πύσει γαῖα μέλαινα καὶ ἡλέκτωρ Ὑπερίων.
 370 Ὡς φάτ' ἐπευχόμενος, τὴν δὲ σκότος δσσε κάλυψε.
 τὴν δ' αὐτοῦ κατέπιս' ἱερὸν μένος Ἡελίοιο·
 ἐξ οὗ νῦν Πυθὼ κικλήσκεται, οἱ δὲ δνακτα
 Πυθεῖον καλέουσιν ἐπώνυμον, οῦνεκα κεῖθι
 αὐτοῦ πῦσε πέλωρ μένος ὁξέος Ἡελίοιο.
 375 καὶ τότ' ἄρ' ἔγνω ἥσιν ἐνὶ φρεσὶ Φοῖβος Ἀπόλλων
 οῦνεκά μιν κρήνη καλλίρροος ἔξαπάφησε·
 βῆ δ' ἐπὶ Τελφούσῃ κεχολωμένος, αἰψα δ' ἵκανεν·
 στῇ δὲ μάλ' ἀγχ' αὐτῆς καὶ μιν πρὸς μῆθον ἔειπεν·

352. βροτοῖσιν Ψ: θεοῖσιν M | 355. delendum putavit Ernesti | δις codd.: ᾧ Wolf¹
 | κατὰ κλυτὰ codd.: ἀγακλυτὰ Bothe | 356. τῇ γ' Ψ: τῷ γ' M | 363. βω-
 τιανείρῃ M p x: πουλυβοτείρῃ At D | 364. ζωοῖσι codd.: ζώουσα Ilgen
 368. οὐδὲ codd.: οὔτε Wolf¹, edd. | 371. ίερὸν Casaubonus; Martin, p. 33:
 ίμερον codd. | 372-4. om. At D: in marg. codicis D apposuit, ut vidit Breuning,
 Chalcondyles (cfr. 136-8) | 373. Πυθεῖον Schulze *Quaestiones*, p. 254: πύθειον
 codd. Πύθειον Barnes | 377. ίκανεν M Hermann: ίκανε Ψ | 378. ικανεν M
 Hermann: ικανε Ψ

o tetro e tremendo Tífon, terrífico flagelo.
Súbito, Hera olhitáurea, o monstro pegando,
a outro monstro o confia; e a serpente o acolhe, ele,
355 que nímios males causava às ilustres estirpes humanas.
Quem o ofídio afrontasse, o dia fatal defrontrava,
antes que Febo, sumo arqueiro, ferisse-a co'a flecha
potente; e esta, desfeita por dores atrozes,
retorcia-se sobre o solo, em intenso estertor.
360 Grito estupendo surdiu inefável: por toda a floresta
contorcia-se convulsa; e a víbora verteu sua vida,
soltando um sopro de sangue. Apolo exclamou exultante:
“Ora aqui te apodreças, sobre a terra nutriz de varões,
feral excídio aos viventes mortais não mais
365 serás; eles, que comem o fruto da terra feraz,
hecatombes perfeitas virão aqui me ofertar;
da morte cruel tampouco Tifeu poderá te
afastar, nem mesmo Quimera de nome nefando;
negra Terra e lúcido Hipérion logo farão que aqui apodreças.”
370 Ovante assim disse; e o viso vipéreo cobriu-se de trevas.
E a sacra força de Hélios a serpe ali apodrece;
desde então o sítio por Pito é chamado, e eles evocam
o soberano sob o nome de Pítio, pois a força
do cáustico Sol tábido ali o monstro deixou.
375 E então Febo Apolo entendeu em seu íntimo
porque a fonte de lindo fluxo o havia embaído.
Irritado, contra Telfusa parte, e presto se aproxima.
Bem perto dela se detém e destarte lhe intima:

Τελφοῦσ', οὐκ ἄρ' ἔμελλες ἐμὸν νόον ἔξαπαφοῦσα
 380 χῶρον ἔχουσ' ἐρατὸν προρέειν καλλίρροον ὕδωρ.
 ἐνθάδε δὴ καὶ ἐμὸν κλέος ἔσσεται, οὐδὲ σὸν οἶης.

ἢ καὶ ἐπὶ ρίον ὁσεν ἀναξ ἑκάεργος Ἀπόλλων
 πέτρησι προχυτῆσιν, ἀπέκρυψεν δὲ ρέεθρα,
 καὶ βωμὸν ποιήσατ' ἐν ἀλσεῖ δενδρήεντι
 385 ἄγχι μάλα κρήνης καλλιρρόου· ἐνθα δ' ἀνακτὶ
 πάντες ἐπίκλησιν Τελφουσίῳ εὔχετόωνται
 ούνεκα Τελφούσης Ἱερῆς ἥσχυνε ρέεθρα.

καὶ τότε δὴ κατὰ θυμὸν ἐφράζετο Φοῖβος Ἀπόλλων
 οὓς τινας ἀνθρώπους δργήνας εἰσαγάγοιτο
 390 οἵ θεραπεύσονται Πυθοῖ ἐνι πετρηέσσῃ·
 ταῦτ' ἄρα δρμαίνων ἐνόησ' ἐπὶ οἴνοπι πόντῳ
 νῆα θοήν· ἐν δ' ἀνδρες ἔσαν πολέες τε καὶ ἐσθλοί,
 Κρῆτες ἀπὸ Κνωσοῦ Μινωῖου, οἵ ρά τ' ἀνακτὶ
 395 ιερά τε ρέζουσι καὶ ἀγγέλλουσι θέμιστας
 Φοίβου Ἀπόλλωνος χρυσαόρου, δόττι κεν εἴπῃ
 χρείων ἐκ δάφνης γυάλων ὑπὸ Παρνησοῖο.
 οἱ μὲν ἐπὶ πρῆξιν καὶ χρήματα νητὶ μελαίνῃ
 400 ἐς Πύλον ἡμαθόεντα Πυλοιγενέας τ' ἀνθρώπους
 ἐπλεον· αὐτὰρ ὁ τοῖσι συνήντετο Φοῖβος Ἀπόλλων·
 405 ἐν πόντῳ δ' ἐπόρουσε δέμας δελφῖνι ἐοικώς
 νητὶ θοῆ, καὶ κεῖτο πέλωρ μέγα τε δεινόν τε·
 τῶν δ' ὅς τις κατὰ θυμὸν ἐπιφράσσαιτο βοῆσαι
 πάντοσ' ἀνασσείασκε, τίνασσε δὲ νήϊα δοῦρα.

379. ἔξαπαφοῦσα M (Spitzner in Il. XIV 160 coll. hymno V 38): ἔξαπάφουσα Ψ
 389. δργήνας Fick « Bezz. Beitr. » 1890, p. 27: δργίονας codd. (δργίοτας Ε Τ)
 δργείονας Schulze *Quaestiones*, p. 254 (de accentu cfr. Herodian. I, p. 19-20)
 392. νῆα θοήν Chalcondyles: ἡμαθόην codd. 393. Κνωσοῦ Baumeister: κνωσσοῦ
 At D Chalcondyles κνώσ(σ)ου M p x 394. δέζουσι Stephanus: δρέζουσι ΕΤ
 δέξουσι M At D δρέξουσι L Π p | ἀγγέλλουσι M At D L Π: ἀγέλλουσι ΕΤ ἀγ-
 γελέουσι p 398. Πυλοιγενέας Fick « Bezz. Beitr. » 1885, p. 224: πυληγενέας
 codd. 402. τῶν codd.: τὸν Weiher | δστις Ψ: εἰ τις Ilgen οὕτις M Γ^{3m} | ἐπι-
 φράσσαιτο p (Stephanus): ἐπιφράσσατο x ἐπεφράσσατο At D Chalcondyles ἐπε-
 φράσσατο M | βοῆσαι Bolkestein « Mnemosyne » 1968, p. 283: νοῆσαι codd. φοβῆσαι
 van Leeuwen « Mnemosyne » 1911, p. 184 403. πάντοσ' p, recepit Franke:
 πάντοθ' M Θ | ἀνασσείασκε M, practulit Ruhnkenius: ἀνασ(σ)είασκε Ψ



“Telfusa, não era teu destino, após embair minha mente,
380 verter tua linfa de lindo fluxo, senhora deste sítio afável.

Aqui, também minha será a fama, e não tua somente”.

Então o sumo arqueiro sobre a fonte arroja uma rocha
e com pétreia avalanche o arroio recobre,
e no bosque sagrado erige um altar,

385 junto à fonte de lindo fluxo; ali, sob o nome de

Telfúsio, todos invocam o soberano,
pois o fluxo da sacra Telfusa foi por ele dominado.

Em seu íntimo, então, meditava o Puro Apolo
que varões como antistes ele poria

390 para celebrar o seu culto na pétreia Pito.

Enquanto nisto cismava, sobre o pélago purpúreo,
notou a nau veloz; nela havia varões valorosos,
cretenses da minóica Cnossos, que ao soberano
os sacros ritos celebram e declararam os decretos

395 de Febo de áurea espada; todos os oráculos que possa
exprimir a partir do loureiro, sob os flancos do Parnaso.

Estes, cobiçando comércio e riquezas, numa negra nave,
rumo à arenosa Pilos e aos nativos de Pilos,
vogavam. Ao seu encontro vinha Febo Apolo.

400 Em pleno ponto, em delfim disfarçado, sobre a nau veloz
se atira, e sobre ela se estira, hórrido monstro imano.

E se algum deles pensava em gritar um comando,
a todo lado o lançava e os lenhos da nau sacudia.

οἱ δ' ἀκέων ἐν νητὶ καθείσατο δειμαίνοντες,
 405 οὐδ' οἴ γ' ὅπλ' ἔλυον κοίλην ἀνὰ νῆα μέλαιναν,
 οὐδ' ἔλυον λαῖφος νηὸς κυανοπρώρῳ·
 ἀλλ' ὡς τὰ πρώτιστα κατεστήσαντο βοεῦσιν
 ως ἔπλεον· κραιπνὸς δὲ νότος κατόπισθεν ἔπειγε
 νῆα θοήν· πρῶτον δὲ παρημείβοντο Μάλειαν, —
 410 πάρ δὲ Λακωνίδα γαῖαν ἄλιστέφανον πτολίεθρον
 ἵξον καὶ χῶρον τερψιμβρότου Ἡελίοιο
 Ταίναρον, ἐνθα τε μῆλα βαθύτριχα βόσκεται αἰεὶ
 Ἡελίοιο ἀνακτος, ἔχει δ' ἐπιτερπέα χῶρον.

οἱ μὲν ἄρ' ἐνθ' ἔθελον νῆα σχεῖν, ἡδ' ἀποβάντες
 415 φράσσασθαι μέγα θαῦμα, καὶ ὁφθαλμοῖσιν ἴδεσθαι
 εἰ μενέει νηὸς γλαφυρῆς δαπέδοισι πέλωρον,
 ἢ εἰς οἴδμ' ἄλιον πολυτέχθυον ἀμφὶς ὄρούσει·
 ἀλλ' οὐ πηδαλίοισιν ἐπείθετο νηῆς εὔεργής,
 ἀλλὰ παρὲκ Πελοπόννησον πίειραν ἔχουσα
 420 ἥι' ὄδόν, πνοιῇ δὲ ἄναξ ἐκάεργος Ἀπόλλων
 ρηϊδίως Ιθυν· ἢ δὲ πρήσσουσα κέλευθον
 Ἀρήνην ἵκανεν καὶ Ἀργυφέην ἐρατεινὴν
 καὶ Θρύον Ἀλφειοῖο πόρον καὶ ἐύκτιτον Αἶπο
 καὶ Πύλον ἡμαθόεντα Πυλοιγενέας τ' ἀνθρώπους·
 425 βῆ δὲ παρὰ Κρουνοὺς καὶ Χαλκίδα καὶ παρὰ Δύμην
 ἡδὲ παρ' Ἡλιδα δῖαν δθι κρατέουσιν Ἐπειοῖ·
 εὗτε Φεάς ἐπέβαλλεν ἀγαλλομένη Διὸς οὔρω
 καὶ σφιν ὑπὲκ νεφέων Ἰθάκης τ' δρος αἰπὺ πέφαντο,

404. *ἐν* M *ρ*: *ἐν* Θ codd. | καθείσατο codd.: καθήσατο Abel 406. οὐδ' ἔλυον M, practulit Ruhnkenius: οὐδὲ λύον Ψ 407. ως τὰ πρώτιστα M, practulit Ruhnkenius: ως τὰ πρῶτα Ψ ως οἱ τὰ πρῶτα Chalcondyles 408. ἔπειγε Ruhnkenius coll. Od. XII 167: ἔγειρε codd. 411. ἵξον Chalcondyles: ἵξον M ἵξον Ψ 416. om. *ρ* 417. ἀμφὶς codd.: αὗτις Pierson *Verisimilia*², p. 14 αὖθις Hermann 420. ἥι' M, recepit Ilgen: ἥεν ΕΤ ἥεν L II ἥεν At D *ρ* Chalcondyles ἥεν Clarke 422. ἵκανεν M Θ: ἵκανε *ρ* codd. 423. ἐύκτιτον M Γ³ (Barnes coll. II. II 592): εύκτιμενον Ψ 424 Πυλοιγενέας Fick (cfr. 398): πυληγενέας codd. (editio Basileensis 1551) πολυγενέας Chalcondyles 425. καὶ παρὰ Δύμην codd.: καλλιφέθρον Ilgen coll. Od. XV 295 427. Φεάς Eberhard *Die Sprache der hom. Hy. I*, p. 19, coll. Od. XV 297; Humbert: φεράς codd.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Dulíquio, Same, e mais Zacinto nemorosa.

430 Mas quando a nau costeou todo o Peloponeso
e descortinava-se o grande golfo de Crisa,
que o Peloponeso feraz delimita,
veio, pela vontade de Zeus, um Zéfiro puro e potente,
do éter arrojando-se audaz, para que mais rápido
435 sobre o salso ponto o curso a nau completasse.

Depois, pela mesma rota em retorno, rumo ao Sol e ao Eôo,
vogavam; guiava-os o filho de Zeus, Apolo soberano;
e chegaram à ensolarada Crisa, revestida de videiras,
ao seu porto; e a nau singra-mar atracou nas areias.

440 Então Apolo, arqueiro supremo, irrompe da nave
símile ao astro que esplende em plena luz, lançando
centelhas sem conta, e o seu brilho ao céu remonta.
No ádito penetra, passando por trípodes preciosas,
e ali ateia a flama, fazendo as flechas fulgirem;

445 por toda a Crisa o fulgor se alastra. Gritam
as consortes dos críseos e suas filhas de lindas cinturas,
pelo impacto de Febo, que lhes mete um magno medo.

De lá, qual pensamento, a voar para nave se lança,
com visos de válido varão vigoroso, em pleno viço;
450 e o crino em cascata cobria-lhe as amplas espáduas.

E, aos cretenses falando, profere as aladas palavras:
“Estrangeiros, quem sois? Donde vindes, singrando úmidas vias?
Pretendeis o comércio ou errais a esmo
sobre o péLAGO, como piratas em périplo

455 ψυχὰς παρθέμενοι κακὸν ἀλλοδαποῖσι φέροντες;
 τίφθ' οὔτως ἡσθον τετιηότες, οὐδ' ἐπὶ γαῖαν
 ἔκβητ', οὐδὲ καθ' δπλα μελαίνης νηὸς ἔθεσθε;
 αὗτη μέν γε δίκη πέλει ἀνδρῶν ἀλφηστάων
 ὅππόταν ἐκ πόντοιο ποτὶ χθονὶ νητὶ μελαίνη
 460 ἔλθωσιν καμάτῳ ἀδηκότες, αὐτίκα δέ σφεας
 σίτοιο γλυκεροῦ περὶ φρένας ἵμερος αἴρει.

Δῶς φάτο καὶ σφιν θάρσος ἐνὶ στήθεσσιν ἔθηκε.
 τὸν καὶ ἀμειβόμενος Κρητῶν ἀγὸς ἀντίον ηὔδα·

ξεῖν', ἐπεὶ οὐ μὲν γάρ τι καταθνητοῖσιν ἔοικας,
 465 οὐδὲ μακρὸν οὐδὲ φυήν, ἀλλ' ἀθανάτοισι θεοῖσιν,
 οὐλέ τε καὶ μέγα χαῖρε, θεοὶ δέ τοι δλβια δοῖεν.
 καὶ μοι τοῦτ' ἀγόρευσον ἐτήτυμον δφρ' εῦ εἰδῶ·
 τίς δῆμος; τίς γαῖα; τίνες βροτοὶ ἐγγεγάσσιν;
 ἀλλη γὰρ φρονέοντες ἐπεπλέομεν μέγα λαῖτμα
 470 εἰς Πύλον ἐκ Κρήτης, ἔνθεν γένος εὐχόμεθ' εἶναι·
 νῦν δ' ὡδε ξὺν νητὶ κατήλθομεν οὐ τι ἐκόντες
 νόστου ιέμενοι, ἀλλην ὁδόν, ἀλλα κέλευθα·
 ἀλλά τις ἀθανάτων δεῦρ' ἥγαγεν οὐκ ἔθέλοντας.

τοὺς δ' ἀπαμειβόμενος προσέφη ἔκάεργος 'Απόλλων·
 475 ξεῖνοι, τοὶ Κνωσὸν πολυδένδρεον ἀμφινέμεσθε
 τὸ πρὸν, ἀτὰρ νῦν οὐκ ἔθ' ὑπότροποι αὖθις ἔσεσθε
 ἐς τε πόλιν ἐρατὴν καὶ δώματα καλὰ ἔκαστος
 ἐς τε φίλας ἀλόχους, ἀλλ' ἐνθάδε πίονα νηὸν
 ἔξετ' ἐμὸν πολλοῖσι τετιμένον ἀνθρώποισιν·
 480 εἰμὶ δ' ἐγὼ Διὸς υἱός, 'Απόλλων δ' εὔχομαι εἶναι,
 ὑμέας δ' ἥγαγον ἐνθάδ' ὑπὲρ μέγα λαῖτμα θαλάσσης
 οὐ τι κακὰ φρονέων, ἀλλ' ἐνθάδε πίονα νηὸν
 ἔξετ' ἐμὸν πᾶσιν μάλα τίμιον ἀνθρώποισι,
 βουλάς τ' ἀθανάτων εἰδήσετε, τῶν ιότητι

464. καταθνητοῖσιν x Chalcondyles: κατὰ θνητοῖσιν cett. 468. ἐγγεγάσσιν Ilgen:
 ἐγγεγάσσιν codd. 475. Κνωσὸν Λ Q (Abel, Gemoll): κνωσσὸν cett. 479.
 πολλοῖσι M At D Π p: λλοῖσι L spatio interiecto καλλοῖσι ET | τετιμένον
 codd.: τετιμένοι Hermann (cfr. ann. in v. §22)

455 arriscando suas vidas, aos forâneos o exílio levando?

Por que estais tão abatidos e não atracastes
em terra, nem da negra nau colhestes a vela?

De fato, dos homens que comem do pão este é o estilo
quando, co'a negra nau do mar egressos, arribam à terra,

460 por tão grande esforço exauridos; de pronto,
no imo, arrebata-lhes o desejo do doce sustento”.

Assim disse, e coragem no peito infundiu-lhes.

A quem responde o dos cretenses comandante:

“Estrangeiro, aos mortais em nada semelhas, é vero,

465 nem no talhe ou estatura, mas sim aos deuses eternos;
a ti, saúde e grande alegria. Vida ditosa os divos te dêem.

E tu, me responda sincero, para que eu bem o saiba:

Que país é este? Que terra? Que mortais aqui vivem?

Com vária tenção, o salso abismo sulcávamos,

470 rumo a Pilos, vindos de Creta, donde jactamo-nos de ter a
origem. A contragosto, porém, co'a nau aqui aportamos,
sequiosos para sulcar outra senda, diversa vereda;
mas um dos deuses, hostil, para cá nos conduziu.”

E Apolo asseteador em resposta então lhes disse:

475 “Vindiços, outrora habitáveis a virente Cnossos,
mas agora não mais ireis retornar
à pólis adorável, cada qual à bela moradia
e à consorte querida, porém aqui, guardareis meu templo
opulento, venerado por varões inúmeros.

480 Eu sou o filho de Zeus, Apolo orgulho-me de ser;
Sobre o salso equóreo báratro até aqui vos transportei,
sem má intenção, porém aqui, guardareis o meu templo
opulento, por todos os varões venerado.

Os intentos dos deuses ireis entender e, pela vontade deles,

485 αἰεὶ τιμήσεσθε διαμπερὲς ἡματα πάντα.
 ἀλλ' ἄγεθ' ως ἀν ἐγὼ εἴπω πείθεσθε τάχιστα·
 ίστια μὲν πρῶτον κάθετον λύσαντε βοείας,
 νῆα δ' ἔπειτα θοὴν ἐπὶ ἡπείρου ἐρύσασθε,
 ἐκ δὲ κτήμαθ' ἔλεσθε καὶ ἔντεα νηὸς ἔτσης,
 490 καὶ βωμὸν ποιήσατ' ἐπὶ ρηγμῖνι θαλάσσης·
 πῦρ <δ'> ἔπικαίοντες ἐπὶ τ' ἀλφιτα λευκὰ θύοντες
 εὔχεσθαι δῆπειτα παριστάμενοι περὶ βωμόν.
 ως μὲν ἐγὼ τὸ πρῶτον ἐν ἡεροειδέῃ πόντῳ
 εἰδόμενος δελφῖνι θοῆς ἐπὶ νηὸς δρουσα,
 495 ως ἐμοὶ εὔχεσθαι δελφινίω· αὐτὰρ ὁ βωμὸς
 αὐτὸς δελφεῖος· καὶ ἐπόψιος ἔσσεται αἰεί.
 δειπνῆσαι τ' ἄρ' ἔπειτα θοῇ παρὰ νηὶ μελαίνῃ,
 καὶ σπεῖσαι μακάρεσσι θεοῖς οἱ "Ολυμπον ἔχουσιν.
 αὐτὰρ ἐπὴν σίτοιο μελίφρονος ἔξ ἔρον ἦσθε,
 500 ἔρχεσθαι θ' ἄμ' ἐμοὶ καὶ ἱηπαιήον' ἀείδειν
 εἰς ὃ κε χῶρον ἵκησθον ἵν' ἔξετε πίονα νηόν.
 ως ἔφαθ'· οἱ δ' ἄρα τοῦ μάλα μὲν κλύον ἥδ' ἔπιθοντο.
 ίστια μὲν πρῶτον κάθεσαν, λῦσαν δὲ βοείας,
 ίστὸν δ' ίστοδόκη πέλασαν προτόνοισιν ὑφέντες,
 505 ἐκ δὲ καὶ αὐτοὶ βῆσαν ἐπὶ ρηγμῖνι θαλάσσης,
 ἐκ δ' ἄλδος ἡπειρόνδε θοὴν ἀνὰ νῆ' ἐρύσαντο
 ὑψοῦ ἐπὶ ψαμάθοις, παρὰ δ' ἔρματα μακρὰ τάνυσσαν,
 καὶ βωμὸν ποίησαν ἐπὶ ρηγμῖνι θαλάσσης·
 πῦρ δ' ἔπικαίοντες ἐπὶ τ' ἀλφιτα λευκὰ θύοντες
 510 εὔχονθ' ως ἐκέλευε παριστάμενοι περὶ βωμόν.
 δόρπον ἔπειθ' εἶλοντο θοῇ παρὰ νηὶ μελαίνῃ,
 καὶ σπεῖσαν μακάρεσσι θεοῖς οἱ "Ολυμπον ἔχουσιν.

488. ἐπὶ Ψ, tuerit Spitzner de versu Graecorum heroiaco, p. 144, coll. II. XXII 206, XXIII 274: ἐπ' Μ μὲν ἐπ' Bothe ἐπὶ γ' Bothe in addendis ἐπὰν Baumeister ἀν' ἐπ' Agar «Class. Rev.» 1896, p. 389, coll. 506 491. δ' add. Ilgen coll. 509 496. interpusxi cum Π ρ | δελφεῖος scripsi (cfr. 373): δελφεῖος Β Γ V x δελφιος At D A Q P δελφίνιος M, praetulit Ruhnkenius 503. λῦσαν Stephanus: λῦσαν codd. 505. βῆσαν M: βαῖνον Ψ edd. 506-8. om ET 507. παρὰ δ' ἔρματα Ψ: περὶ δ' ἔργματα M 510. περὶ Π^{3m} (Ernesti coll. 492): παρὰ codd.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

E após saciado o afã de fome e sede,
andam à via: Apolo, rei Dial, os comandava,
515 a lira às mãos, de modo insigne a dedilhar,
e com passadas altas, gráceis, se movendo. Em cadências,
atrás dele iam cretenses, rumo a Pito, que o peã entoavam,
ao modo de um peã de Creta, em que a divina musa
aos peitos infundiu cantar melífluo.

520 Ao pé da colina incansáveis ascenderam, e logo vieram
ao Parnaso e ao lugar afável em que devia o deus
morar, venerado por varões inúmeros;
levando-os, lhes aponta o ádito santo e o templo opimo.
Inquietava-se, porém, o coração nos peitos,
525 e o chefe dos cretenses destarte lhe indaga:
“Pois que longe da pátria, ó rei, e dos amigos
tu nos trouxeste – e tal no peito te aprazia –
diz, que te pedimos, como agora viveremos.
Em pastos ou searas, não é feraz esta terra prazerosa
530 para nela bem vivermos e aos demais dar tratamento.
Apolo, de Zeus filho, disse-lhes sorrindo:
“tolos homens, que andais infaustos a campear angústias
doloridas, lavras e tristuras para vosso coração.
Fácil vos dou a resposta; e na vossa alma a gravarei:
535 punhal na mão direita, cada um de vós rebanhos
degole sem parar, pois desses há fartura por aqui;
são tantos quantos me trouxerem raças de varões insignes;
vigiai o templo, e acolhei dos homens toda estirpe

ἐνθάδ' ἀγειρομένων κάτ' ἐμὴν οἴθύν γε μάλιστα
 540 εἴ κέ τι τηθσιον ἔπος ἔσσεται ἡέ τι ἔργον,
 ὕβρις θ' ή θέμις ἔστι καταθνητῶν ἀνθρώπων.
 ἄλλοι ἔπειθ' ὑμῖν σημάντορες ἀνδρες ἔσονται,
 τῶν ὑπ' ἀναγκαίῃ δεδμήσεσθ' ἥματα πάντα.
 εἴρηται τοι πάντα, σὺ δὲ φρεσὶ σῆσι φύλαξαι.
 545 καὶ σὺ μὲν οὕτω χαῖρε Διὸς καὶ Λητοῦς υἱέ·
 αὐτὰρ ἐγὼ καὶ σεῖο καὶ ἄλλης μνήσομ' ἀοιδῆς.

539. κατ' ἐμὴν οἴθύν γε μάλιστα Matthiae (τάχιστα Humbert): καὶ ἐμὴν οἴθύν τε μάλιστα codd. καὶ ἐμὴν οἴθυντε δοῖτα Martin, p. 185, καὶ ἐμὴν οἴθυντε θέμιστα Baumeister | post hunc versum lacunam statuit Wolf² 540. εἴ κέ τι τηθσιον conieci: ηέ τι τηθσιον codd. εἰ δέ τι τηθσιον Reiz apud Ilgen et Franke 541. καταθνητῶν B (Stephanus): κατὰ θνητῶν cet.

que sob o meu desejo virão aqui se concentrar
540 quando palavra houver ou ato descabido
ou mesmo agravo: como é praxe entre os mortais.
Outros homens, depois desses, como líderes tereis
e com a força deles, obedientes heiis de ser.
Dito está tudo, e no teu íntimo o preserves".
545 Assim eu te saúdo, filho de Zeus e Leto;
de ti hei de lembrar-me e de um cantar distinto.

Parte III

COMENTÁRIOS E NOTAS



Figura 27. *O encontro de Apolo e Zeus acompanhados por outros deuses e deusas.*
Couraça de bronze proveniente de Olímpia (altura: 44 cm) 650 a.C. Para comentário, ver Apêndice I – Catálogo das figuras.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

cena repetida todas as vezes que Apolo regressava ao Olimpo¹. Esse fato levou uma parte dos críticos a acreditar em uma fusão de duas versões diferentes (cf. Van Groningen, *Composition...*, p. 305). Mas se se trata de uma fusão, não é fácil identificá-la. Talvez o mesmo poeta tenha hesitado entre duas variantes do mesmo episódio. Segundo Wilmowitz, o poeta pensa numa cena que se repete todo dia; mas, narrador por vocação, passa inconscientemente para o aoristo, o “tempo da saga” (*Ilias*, p. 442, nota 2), cf. F. Càssola, *Inni Omerici*, Milão, 1975, p. 84 e P. Walcot, *Hesiod and the Near East*, Cardiff, 1966, pp. 48-49.

Verso I

Nota 1 – Μνήσομαι: “hei de lembrar”. Segundo Càssola é, provavelmente, um futuro coordenado com um subjuntivo aoristo (λάθωμαι), como no *Hino II*, 366: pelo menos o confronto com o formulário habitual dos *Hinos* nos leva a pensar que μνήσομαι seja futuro. Cf. também *Ilíada*, II, 488, *Odisseia*, IV, 240: οὐκ ἀν ἔγώ μνησόμαι οὐδὲ λάθωμαι, VI, 126, X, 383 e XI, 215. Em *Nouveau Recueil de Fables d'Ésope* (Paris, J. Gigord, 1925, n. 31, p. 16), E. Ragon, comentando a respeito da fórmula οἶδα καὶ οὐκ ἀγνοῶ (“sei e não desconheço”), observa que a repetição da mesma idéia sob a forma negativa, que aparenta ser um pleonasmo vicioso, constitui, na realidade, um modo de se expressar muito apreciado pelos gregos (tautologia expressiva), assaz empregado por todos os escritores em todos os estágios da língua grega. Cf. Herod., VII, 46: πολλάκις κούχ ἄπαξ (“muitas vezes e não uma só”); Tucid. VII, XLIV, 6: μέγιστον καὶ οὐχ ἥκιστα (“o máximo e não o mínimo”); Sófocl. *E.R*, 58: γνωτὰ κούκ ἀγνῶτα (“conhecidas e não desconhecidas”); Demóst. XXXIV, 12: ἔτερος ἦν καὶ οὐχ ὁ αὐτός (“era outro e não o mesmo”).

Nota 2 – ἐκάτοιο = *Asseteador*. Segundo Frisk é uma forma abreviada de ἐκηβόλος, “que golpeia de longe”. Há ainda a forma ἐκατηβόλος, que provém da junção de ἐκηβόλος (de ἐκάς, “de longe” ou, segundo a

1. Cf. também R. Janko, *The Structure of the Homeric Hymns: A Study in Genre*, Hermes 109: 9-24, 1981, p. 17.

maioria dos modernos estudiosos, de ἔκών, “voluntariamente”), e de ἔκατος, ou (ó) e a forma ἔκατηβελέτης (ἔκατος / βέλος). Cf. Chantaine, *Dic. Etymol. e Ilíada*, V, 54: ἔκεβολίαι: “tiros, disparos de longe”. V. nota do verso 45.

Versos 4-8

Admite-se geralmente que haja aqui uma contradição entre o verso 4 (onde Apolo entesa o arco) e os versos 6-8, onde Leto retira o arco dos ombros de seu filho. Isso confirmaria a tese de uma dupla redação (v. nota dos versos 1-13). Por outro lado, Deubner observa que o carcás era utilizado para guardar tanto o arco quanto as flechas e supõe, portanto, que o relato, em vez de contraditório, seja muito sintético: Leto toma o arco das mãos do filho, e, afrouxando-o, coloca-o no carcás, retirando-o posteriormente dos ombros do deus. Na origem os gregos distinguiam a bainha do arco (*γωρυτός*, Od. XXI, 53-54) do carcás; mais tarde, por influência dos citas, adotaram um carcás com dois compartimentos, um para o arco e outro para as flechas. Cf. Hilda Lorimer, *Homer and The Monuments*, London, 1950, p. 284. Cit. por Càssola, *op. cit.*, p. 486.

Verso 8

Κίων, κίονος (ó, jônico, ḥ, poético) = A “coluna”, o “pilar” (perto da qual Zeus sentava-se). Cf. *Odisséia*, VI, 307: Arete sentava-se κίονι κεκλιμένη (“encostada na coluna”); VIII, 65 (Demódoco) e XXIII, 90 (Odisseu). A expressão elíptica do poeta não tem nada de extraordinário.

Verso 11

Δεικνύμενος = “Apresentando” (o filho); parece indicar que Apolo surge pela primeira vez no Olimpo. Pode também ser traduzido por “saudando”. Cf. *Odisséia*, XVIII, 121, cf. também δειδίσκομαι (Bailly: “fazer um sinal de boas vindas, saudar com a mão”).

Ἐπειτα: “em seguida”, i.e., depois que Apolo bebeu o néctar.

Versos 14-18

A maioria dos críticos considera esses versos como um pequeno hino consagrado a Leto, inserido nessa passagem por algum interpolador ou pelo rapsodo que deu ao hino a sua forma definitiva (Hermann, Jacoby). No entanto, como observam Allen-Halliday-Sikes, nada é mais natural que saudar a mãe antes de celebrar o filho. Homero (*Ilíada* I, 9 e 36; XV, 849) e Hesíodo (*Teog.* 918) estavam cientes da descendência de Leto mas nenhum deles refere-se à história do nascimento, embora a menção à “Palmeira de Delos” (*Odisseia*, VI, 162) a implique. A repetição de palavras ou frases dos versos 13 e 14 que reaparecem posteriormente nos versos 17, 26 e 117 constitui um procedimento normal na poesia épica. A única dificuldade, observa Càssola, é que depois de cinco versos dedicados a Leto surge a fórmula “como hei de celebrar-te?” com referência a Apolo (verso 19). Por isso, tem-se afirmado que quem compôs o verso 19 ignorava os versos 14-18. Mas Franke observa que bastaria uma breve pausa na recitação (entre os versos 18 e 19) para advertir o auditório da passagem a um novo tema.

Verso 16 – Ὀρτυγίη = Ortígia

Segundo Allen-Halliday-Sikes, dificilmente essa Ortígia seria a de Siracusa, como Fick supôs (*Odyssée*, p. 281), embora esse local estivesse associado a Ártemis (Pind. *Nem.* I, 1; Pit. II, 7; Diod. V. 3). O topônimo derivado de ὄρτυξ, υγος (ό) = “codorniz”, é largamente difuso, apropriado para qualquer uma das Cíclades, e geralmente era aplicado à própria Delos (escólio a Apol. Rod. I, 415; Ateneu, 292 D; Calímaco, *Hin. Apol.* 59; Ant. Pal. VI, 121). Mas nessa passagem, Ortígia e Delos são diferenciadas, assim como na *Antologia Palatina*, VI, 273: “Ἄρτεμι Δᾶλον ἔχουσα καὶ Ὀρτυγίαν ἐρόεσσαν (“Ártemis, que domina Delos e a amável Ortígia”); por isso Estrabon identifica Ortígia com Renéia, o que concorda com a posição dada pelo verso 404 do canto XII da *Odisseia*.

Pelo fato de ser um aedo jônico, que se dirige a um público jônico, Wilamowitz pensou que Ὀρτυγίη fosse uma alusão a Éfeso (v. Charles Picard, *Éphèse et Claros*, pp. 12, 395 e ss.).



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



Figura 28. Apolo (com a cítara) e Leto (ao centro, a palmeira). Ânfora do século VI a.C. (530-520).



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

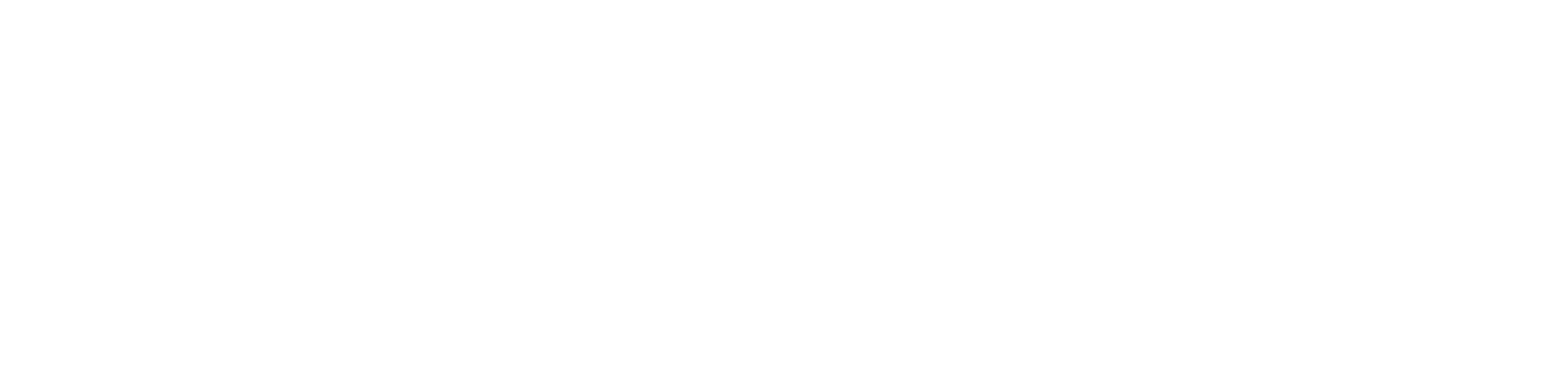
Nota 2 – νομοὶ βεβλήστατ’ ἀοιδῆς = *sagram-te... os temas e os cantares*. Allen-Halliday-Sikes registram as variantes de versos homéricos com sujeito no singular e verbo no plural e adotam idêntica solução (νομὸς βεβλήσται ὠδῆς). Mas já no período Alexandrino, o gramático Zenódoto, que lia a passagem da *Ilíada*, II, 243 como sendo οἶς ἐπιστέαται (sujeito no singular e verbo no plural), suscitava a crítica contundente de Aristarco: ἀγνοεῖ ὅτι τὰ τοιαῦτα ρήματα πληθυντικά ἔστι (“desconhece que tais verbos estão no plural”). Na *Odisseia* III, 438 vários manuscritos trazem θεὰ κεχαροίατ’ ἵδοῦσα e na *Ilíada* XI, 660 encontra-se a variante βεβλήσται μὲν ὁ Τυδείδης. Mas trata-se apenas de variantes que não figuram em nenhuma edição do texto principal. Concordo com Càssola: são variantes tardias usadas por escribas que não conheciam o dialeto jônico, erro que também, posteriormente, foi imitado por poetas helenísticos (cf. Pfeifer, nota do *Fr.* 497 da sua edição de Calímaco). Mas um erro, ainda que difundido, observa Càssola, permanece sempre um erro, e não se pode atribuir ao poeta de Quios uma forma tão contrária às regras até mesmo para o mais ignorante de seus concidadãos. Deve-se, portanto, ou corrigir o verbo (E. Laroche, *Histoire de la racine NEM- en Grec Ancien*, Paris 1949, p. 172: νομὸς βέβληται ὠδῆς), ou corrigir o substantivo, como o faz a maioria dos críticos (Mattiae: νόμοι / Barnes: νομοί). Nesse último caso, é possível reconstituir a forma não-contraria de ὠδῆς, escrevendo βεβλήστ’ ἀοιδῆς (solução também adotada por Ilgen; Wilamowitz, *Ilias*, p. 443, n. 1 e Hoekstra, *Sub-epic Stage*, p. 22). Note-se ainda que ΒΕΒΛΗΤΑΟΙΔΗΣ poderia ter se corrompido com extrema facilidade em ΒΕΒΛΗΤΑΙΟΔΗΣ, de onde, pois, a forma do nosso códice. Mas o maior problema da leitura desse verso está na possibilidade de escolha entre νόμοι (νόμος = “lei, costume, norma”); e νομοί [νομός = “parte, porção” de onde: I – “divisão de território”. 1 – “província, região”. II – “pasto, pastagem” (νέμω)]. A favor da primeira hipótese (defendida por Humbert; Laroche, etc.) está o registro do *Fr.* 25 de Alcmã: ὄρνιχῶν νόμως, onde νόμος é o “canto” dos pássaros e que, no final da época de Terpandro, passa a designar o “canto” de caráter narrativo. A favor da segunda, νομοί (forma defendida por Barnes, Ilgen, Gemoll) e νομός



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



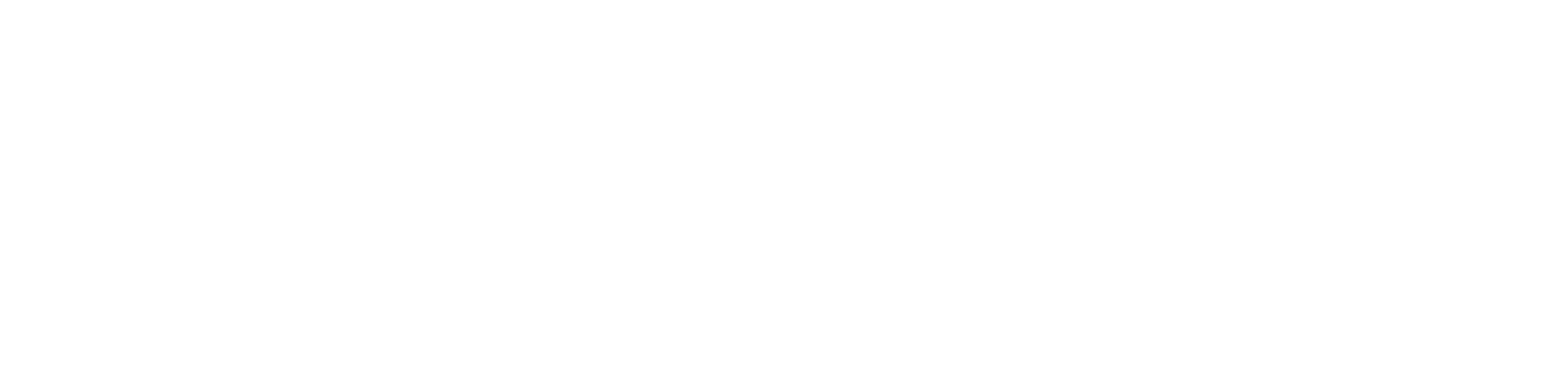
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



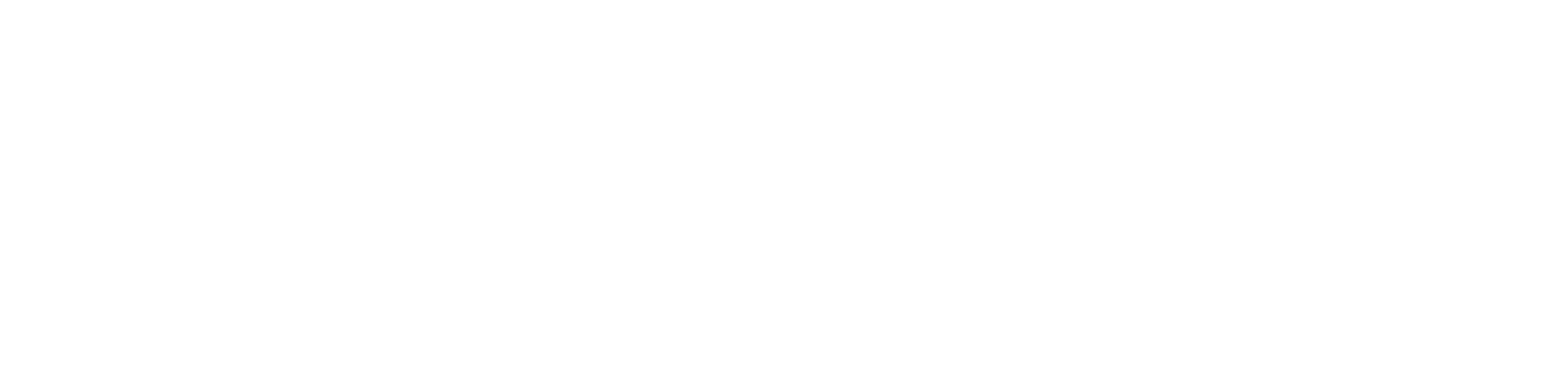
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



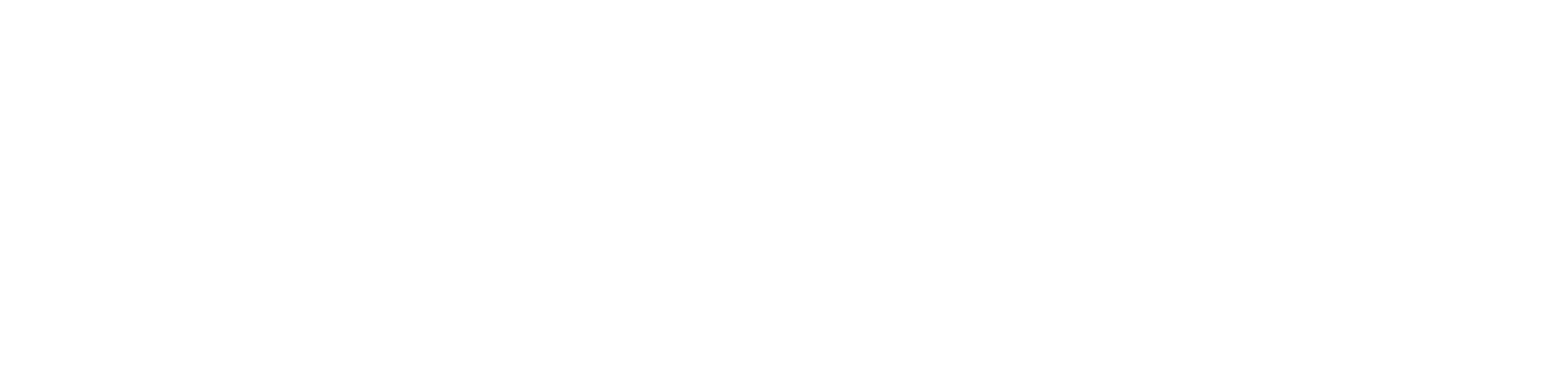
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



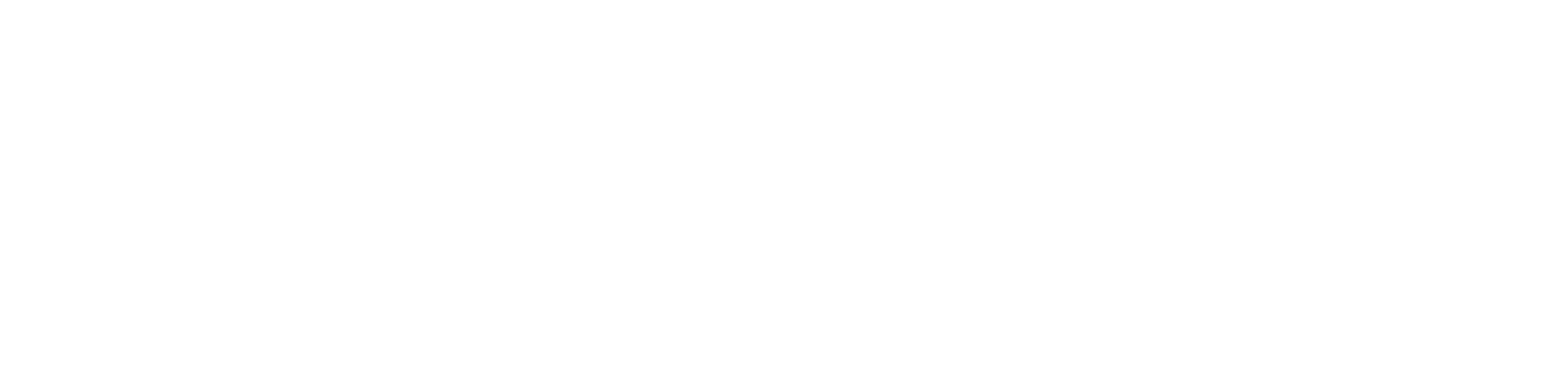
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



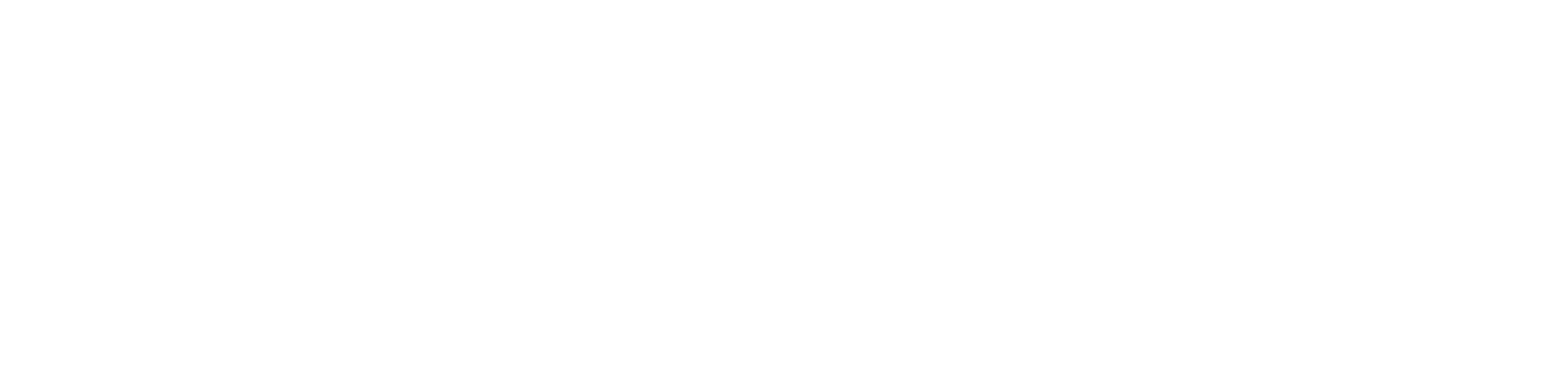
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



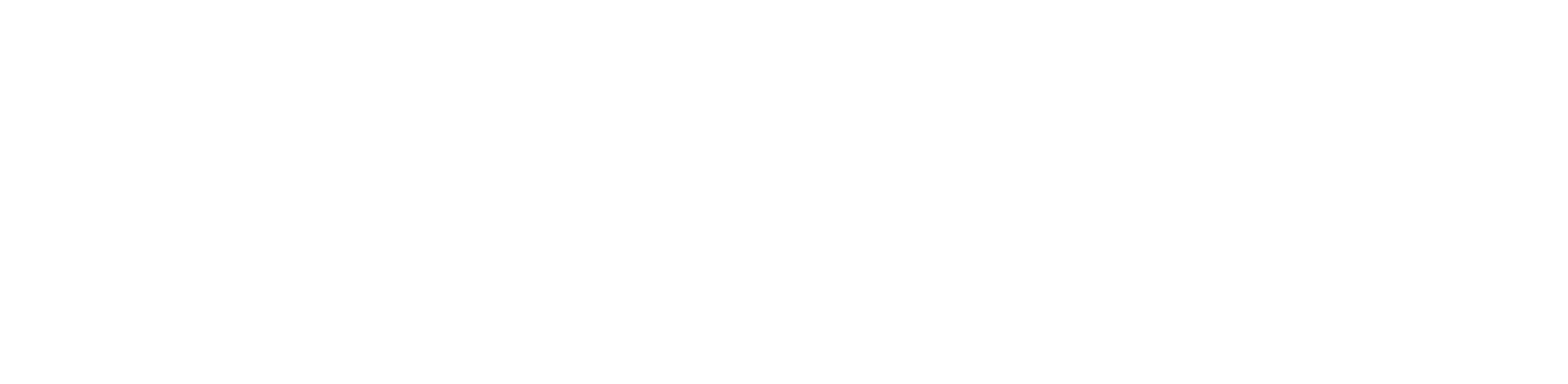
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



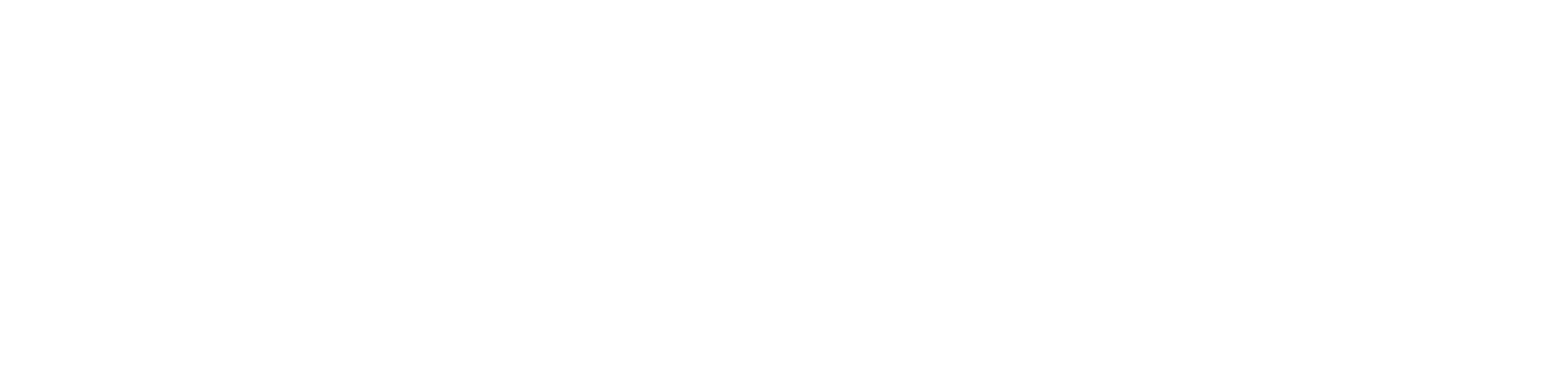
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



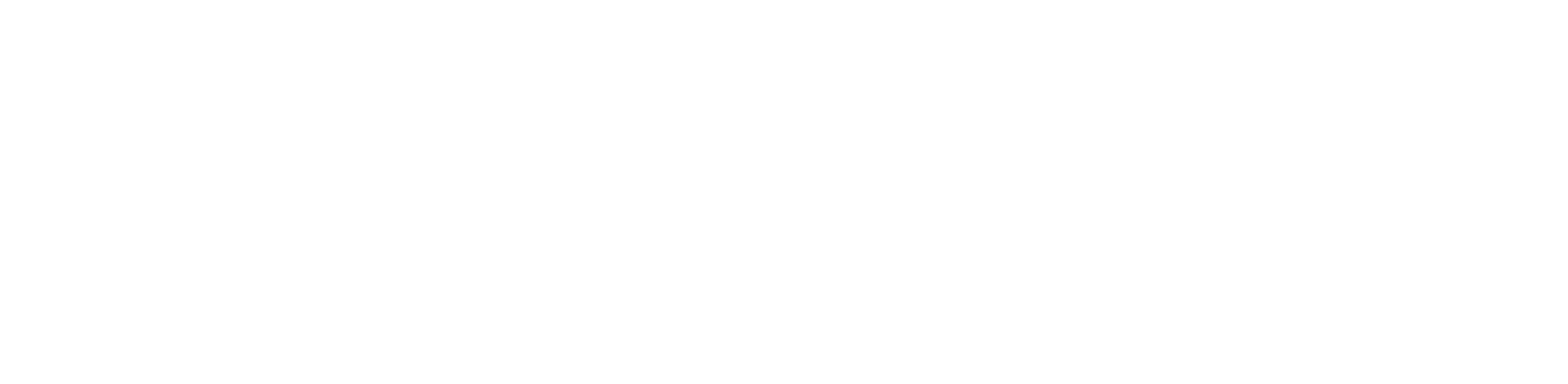
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

NOTÁVEL POR SEU TAMANHO E COMPLEXIDADE E dirigido ao deus que representa o modelo do ideal grego, o *Hino a Apolo* vem gerando mais debates acadêmicos do que qualquer outro *Hino Homérico*. Parece mesmo, como notou Walter Burkert, repetir em menor escala a famosa *Questão Homérica*, com seus partidários analistas e unitaristas.

Considerado um dos mais belos e o mais antigo de toda a coletânea dos *Hinos Homéricos*, ele é agora publicado em edição bilíngüe, inteiramente comentada, fruto de um primoroso trabalho do helenista Luiz Alberto Machado Cabral.

Apresentada como Dissertação de Mestrado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, a obra teve sua tradução inteiramente retrabalhada em uma arrojada versão poética, cuja sonoridade rítmica e encantadora, espelhando-se na dos antigos aedos gregos, visa despertar no ouvinte o sentimento de sagrada reverência por *Febo de intonsos cabelos, o infalível frecheiro*.

EDIÇÃO BILÍNGÜE

Æ
Ateliê Editorial

EDITORIA
UNICAMP

ISBN 85-7480-091-0



9 788574 800912

ISBN 85-268-0589-4



9 788526 805897